

Universidade de São Paulo - USP

Andréa Soutto Mayor

“O amor é uma história: satisfação e complementaridade de papéis no relacionamento conjugal”

Orientador: Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva

São Paulo
2007

Andréa Soutto Mayor

“O amor é uma história: satisfação e complementaridade de papéis no relacionamento conjugal”

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental - Processos Cognitivos, Afetivos e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva

São Paulo
2007

Andréa Soutto Mayor

“O amor é uma história: satisfação e complementaridade de papéis no relacionamento conjugal”

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental - Processos Cognitivos, Afetivos e Sociais.

Para meu irmão Roberto

Agradecimentos

Sempre, a Roberto. Meu irmão, amigo, protetor, incentivador permanente. Obrigado pelo amor, pelo cuidado, pelas broncas e pelo aconchego, pelo carinho e pelos puxões de orelha, pelas conversas e pela paciência. Irmãozinho, te amo muito, você é demais!

Ao Professor Ailton Amélio, que com muito carinho me acolheu nessa empreitada, orientou com precisão e competência e, acima de tudo, possibilitou que esse sonho se tornasse realidade.

Aos Professores da Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, sempre prestativos e disponíveis para colaborar com esse trabalho.

Aos colegas de curso, especialmente Adriana Guimarães Rodrigues, Luiz Maurício de Oliveira, Mônica Martinez e Thiago de Almeida, incentivadores do meu percurso e colaboradores fundamentais para a execução deste trabalho.

À Sonia, secretária da Pós-Graduação que sempre atendeu minhas necessidades, esclareceu dúvidas e me acalmou nos momentos de desespero.

Ao Professores componentes da Banca Examinadora, especialmente ao Professor Francisco Ramos de Farias, incentivador primeiro deste percurso.

À Direção das Faculdades Integradas Maria Thereza, especialmente ao Diretor Acadêmico, Professor Marcos Moreira Braga, torcedor e reconhecedor deste trabalho.

Ao Pio, cuja ajuda estatística foi fundamental e ao Salvador, com carinho indescritível ao cuidar de meu computador. Sem eles, este trabalho não existiria.

Aos casais que tão gentilmente aceitaram participar desta pesquisa.

Aos meus alunos e pacientes, carinhosos, compreensivos e solidários.

Aos meus amigos o que dizer? Mauro, Ana Luiza, Patrícia, Demila, Gú, Fabiana, Rita, Lili, Sildésia, Carolina, Gisele, Elisa, Henrique, Vanessa, Denise, Jostemidio, e tantos outros que seria impossível nomear, obrigada, desculpe a ausência, valeu pela força, to voltando!

À Alice e Renato, pelo acolhimento, força, carinho e amor.

À Fátima e Flávio, amigos, parceiros e companheiros diários dessa jornada.

Ao Tio Otto, pelo apoio, pelo incentivo, pelas orientações e carinho, muito obrigado!!!

A Rafael, “sobrinho mais velho favorito”, e Felipe, “sobrinho mais novo favorito”, que são tão queridos, e que eu tanto amo, valeu!

Tia Hélvia, grande Tia, grande Mãe, de quem eu sinto tanta falta, e que tanto acreditou e vibrou com minhas conquistas.

Angela, minha mãe, tão importante, tão amada, de quem sinto tanta saudade. Sem você essa história não teria acontecido.

Meu pai, Kant Keen, que tanto me amou, a quem eu tanto amo, de quem eu tanto lembrei nesse percurso e que, tenho certeza, olhou por mim todo esse tempo.

Os sonhos mais lindos sonhei
De quimeras mil um castelo ergui
E no teu olhar
Tonto de emoção
Com sofreguidão
Mil venturas previ
O teu corpo é luz, sedução
Poema divino cheio de esplendor
Teu sorriso prende, inebria, entontece
És fascinação, amor

Elis Regina

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo verificar se havia relação entre as “Histórias de Amor” descritas por Robert Sternberg e a satisfação conjugal. Esta pesquisa foi realizada com uma amostra de 50 casais heterossexuais, casados ou unidos consensualmente. Os objetivos específicos desta pesquisa foram os seguintes: identificar as “Histórias de Amor” mais preditoras da satisfação conjugal; verificar se havia semelhanças entre homens e mulheres nas “Histórias de Amor” com que mais e menos se identificavam e naquelas que mais e menos gostariam de viver; e verificar se havia relação entre o desejo de viver uma determinada “História de Amor” e a “História” que a pessoa efetivamente vivenciava. As “Histórias” que apresentavam enredos mais adequados socialmente foram aquelas que tiveram poder de predição positiva, enquanto que aquelas com enredos inadequados, segundo os padrões culturais, foram aquelas que apresentaram poder de predição negativa para a satisfação conjugal. Os casais apresentaram semelhanças no que concerne à identificação das “Histórias de Amor” com que mais e menos se identificam e, em média se mostraram satisfeitos com as “Histórias” que vivem e em seus relacionamentos conjugais.

Palavras-chave: Histórias de amor, satisfação conjugal, complementaridade de papéis

Abstract

The general purpose of this research was to identify any possible relationships between Robert Steinberg's "Love Stories" and couple satisfaction. 50 heterosexual couples, married or consensually living together, constituted the sample. Research specific objectives were: to identify "Love Stories" which were considered the most adequate to predict couple satisfaction; to verify if there were any similarities between men and women "Love Stories" and between those to which they either identify themselves or would like to reply on their own lives; to verify if there was any relationship between the wish of living a specific "Love Story" and the person's own "real story". Main findings were that the "Love Stories" of which the scripts were more socially adequate were those which were identified as having more positive prediction power, while those the scripts of which were socially inadequate according to the couples' current cultural patterns were those which were considered as presenting negative prediction power for couple satisfaction. Couples presented similarities on relation to "Love Stories" they identify to with either more or less intensity and in average they were satisfied with the "real living stories" of their couple relationships.

Key words: "Love Stories", couple satisfaction, social roles' complementarily.

Sumário

Introdução	10
1. 1 – O amor ao longo da história	12
1.2 – O amor na modernidade	16
1.3 – A teoria do apego.....	18
1.4 – A teoria dos estilos de amor.....	21
1.5 A teoria triangular do amor.....	23
1.6 O amor é uma história.....	29
1.7 1.7- Scripts amorosos de Millman.....	31
1.8 –Histórias de amor de Sternberg	35
1.8.1 – Histórias assimétricas	36
1.8. 2 – Histórias de objeto.....	38
1.8. 3 – Histórias de coordenação.....	40
1.8. 4– Histórias de narração.....	42
1.8.5– Histórias de gênero.....	44
1.9– As transformações do casamento.....	47
1.10– A satisfação conjugal.....	51
2 – Objetivos	56
2.1 – Objetivo geral.....	56
2.2 - Objetivos específicos.....	56
3 – Método.....	57
3.1 – Tipo de pesquisa.....	57
3.2 – Definição da amostra.....	57
3.3 – Material.....	57
3.4 – Procedimento.....	58
4 – Apresentação e discussão dos resultados.....	60
4.1 – Histórias de amor e satisfação conjugal.....	70
4.2 – Semelhanças entre as histórias atuais e ideais dos cônjuges.....	75
4.3 – Histórias atuais e ideais e satisfação conjugal.....	77
4.4 – Histórias de amor atuais e ideais e análise fatorial confirmatória.....	81
Conclusão.....	86
Referências Bibliográficas.....	89
Anexo 1.....	96
Anexo 2.....	101
Anexo 3.....	105
Anexo 4	110
Anexo 5.....	127

Introdução

E foram felizes para sempre. Esse é o final mais esperado das histórias de amor. E o que caracteriza uma história? Várias podem ser as suas definições. Pode ser descrita como uma narrativa, o relato de um fato, a transmissão de um conhecimento, uma aventura, um enredo, uma relação amorosa, uma história de amor.

Após viverem uma série de situações, o mocinho e a mocinha se encontram, ficam juntos e se amam para sempre. Talvez a situação de viver um amor feliz, duradouro e sincero corresponda ao imaginário de toda a humanidade. Encontrar um parceiro e viver a experiência de amar são desejos de homens e mulheres, sendo entendidos como necessidades e características humanas, assim como fator de manutenção da espécie.

O relacionamento afetivo entre homens e mulheres desperta as mais diferentes concepções e interesses. Já ocorreram muitas tentativas, desde os mais remotos tempos, de entendê-lo e contextualizá-lo teórica e praticamente. Estudos apontam que o amor assumiu diferentes significados ao longo da história da humanidade: a divindade atribuída às mulheres pelos celtas; Platão que fala do “arrebatamento da alma, loucura e suprema razão”; Eros, representante ideal do amor e da atração sexual segundo os gregos; o amor cristão, santificado através da obediência e do casamento; o “amor romântico”; o romance, com suas

características de encontro, sofrimento, ruptura e final feliz, que representa um modelo de relacionamento amoroso que perdura até os dias atuais.

O casamento também assumiu diferentes características ao longo da história da humanidade. Representou a transmissão de bens e continuidade da linhagem, um negócio entre as famílias, uma relação que legitimava o ato sexual e que era para toda a vida. Atualmente a manutenção do casamento encontra-se fortemente vinculada à satisfação conjugal, que engloba fatores como coesão, consenso e expressão de afeto entre os cônjuges.

Nas últimas décadas começaram a aparecer pesquisas sobre o amor e os relacionamentos amorosos de uma forma mais consistente. Pesquisadores como David Buss, John Alan Lee, John Bowlby e Robert Sternberg, entre outros, engajaram-se intensamente no estudo sobre estes temas, buscando padrões que explicassem a atração, o apaixonar-se, o estabelecimento e a manutenção do amor, além de compreender cientificamente seu papel na satisfação conjugal.

Após uma série de estudos, Sternberg (1996), identificou situações ou histórias de amor que seriam responsáveis pelo estabelecimento e manutenção de relacionamentos amorosos. Segundo o autor, as pessoas “desenvolvem” histórias ou enredos particulares sobre o que seja o amor, a maneira como ele deve se desenvolver e também os papéis que os parceiros devem desempenhar em uma relação amorosa. Estes enredos desenvolvidos individualmente estariam diretamente vinculados à forma pela qual as pessoas constituiriam seus relacionamentos amorosos. Tendo como base estas constatações, Sternberg (1996) propôs a teoria “O amor é uma história”.

1.1 – O amor ao longo da história

Ao longo da história da humanidade diversas foram as tentativas de definir o amor, este sentimento tão almejado e questionado.

Na Grécia Antiga, o amor é caracterizado no célebre *Banquete* de Platão como sendo representativo do desejo daquilo que falta, da necessidade de fundir-se com um outro, formando um único todo. “É daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (Platão, 427 a.C. – 347 a.C., 1985, p.81). Entretanto, essa tentativa de resgatar a perfeição é falha, marcando o amor como um sentimento de permanente busca. Conforme aponta Borges (2004, p. 9), “Como essa fusão absoluta é impossível ou fugaz, o amor/Eros é carência, sofrimento, obsessão da busca daquilo que completa”.

Tendo explicado que amor é amor por alguma coisa, Sócrates precisa que, em amor como no desejo, o objeto é, para aquele que o experimenta, algo que ele próprio não possui, algo que ele próprio não é, algo de que ele está despojado. (Kristeva, 1988, p. 85).

Muitos mitos, aqui entendidos como “(...) uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinguida das demais narrativas humanas” (Rocha, 1996, p.8), também tentaram fornecer explicações e sentido ao amor. Um dos mais conhecidos mitos sobre o amor e a atração sexual é o de Eros. Eros reúne a

divindade e a mortalidade, sabedoria e tolice e, fundamentalmente o amor do belo, unindo o humano e o divino. Segundo Rougemont (2003, p. 81):

Eros é o Desejo total, (...) um desejo que não decresce jamais, que nada mais pode satisfazer, que até mesmo desdenha e foge à tentação de se realizar em nosso mundo, porque só deseja abraçar o Todo. É a superação infinita, a ascensão do homem para o seu deus. E esse movimento é sem retorno.

Poesias e trovas marcaram uma nova concepção do amor. O amor cortês é representado pela infelicidade e sofrimento, mas entendido como o mais puro e duradouro por ser alimentado pela alma e não pela satisfação sexual. “(...) o amor cortês, no qual um homem não casado realizava feitos galantes em nome de uma mulher casada, cuja tônica era a ânsia e o sofrimento”. (Richards, 1993 p. 37).

Na Idade Média, a Igreja Católica assume uma postura mais rigorosa no que concerne a tentativa de definir e controlar o amor e, mais especificamente, a sexualidade. Segundo Araújo (2002, p.70),

O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica era a reprodução.

Flandrin (1987, p. 145) aponta que é a partir da Idade Média que o casamento, tal como conhecemos na atualidade se instaura. Na tentativa de controlar a sexualidade, “(...) o receio de que um amor apaixonado entre os

cônjuges prejudicasse o relacionamento social e o que devemos a Deus”, o casamento é defendido pela Igreja Católica como uma maneira de controlar o pecado, visto que o amor entre o homem e a mulher era entendido como rival do amor de Deus.

A partir do século XVIII começa a ocorrer uma valorização da junção amor-sexo no casamento, o que faz com que homens e mulheres busquem o encontro do almejado parceiro.

O amor romântico introduziu a idéia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexibilidade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos. O início do amor, romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém-descoberta. (Giddens, 1993, p. 50).

Entretanto, a idéia do amor romântico que se manifesta é também curiosamente contraditória. Conforme nos aponta Ariès (1987, p. 161) “(...) A flecha de Eros era tão imprevisível e repentina quanto o dardo da morte”. Flandrin (1988, p. 100) ressalta que, por um lado, pregava-se a importância do amor como elemento fundamental do casamento e, por outro, validava-se a possibilidade de sua expressão sexual ocorrer fora do mesmo. “(...) não é impossível que este século, que pôs o amor conjugal em moda, tenha também sido aquele onde o maior número de mulheres nobres e burguesas só encontraram o amor nos braços de um amante”.

Giddens (1993, p. 36) aponta que:

Durante o século XIX, a formação dos laços matrimoniais, para a maior parte dos grupos na população, baseava-se em outras considerações além dos julgamentos de valor econômico. Idéias de amor romântico, antes de tudo exercendo a sua principal influência sobre os grupos burgueses, foram difundidas em grande parte pela ordem social.

Curiosamente, a partir de uma série de transformações que ocorreram na sociedade ao longo dos séculos, também pode ser identificado um resgate do mito de Eros. As relações se modificaram, casamento, sexo e instituições se articularam, assumindo contornos mais nítidos e modernos. Entretanto um sentimento se mantém: a busca por um amor.

No século XIX, Charles Darwin formula sua teoria da evolução das espécies, enfatizando a busca por recursos, por homens e mulheres que permitissem a procriação, a manutenção e continuidade da linhagem. Segundo Darwin, as mulheres teriam seu interesse sexual e afetivo voltado para homens que aparentassem e possuíssem maiores recursos para o cuidado com os filhos, assim como os homens interessar-se-iam por mulheres que aparentassem juventude e boa saúde, sinais indicativos de fertilidade. Conforme Batten (1995, p. 210), “A condição psicológica a que denominamos amor pode ter tornado a atração irresistível, levando não só ao prazer erótico, mas também culminando numa união reprodutiva entre o macho e a fêmea”.

O ato sexual era entendido como necessidade de continuidade, ocorrendo uma acentuada noção moral de que é o casamento, e não o amor, que garante a felicidade da mulher. Wright (1996, p. 122), aponta que: “As mães que insistem com as filhas para se guardarem podem, em certo nível, estar

aconselhando um impiedoso egoísmo genético, mas, em outro, mostram-se preocupadas com a felicidade à longo prazo de suas filhas”.

Seguindo os pressupostos de Darwin, Trivers (1972), desenvolve a teoria do investimento parental. Segundo seus postulados, os investimentos – financeiros e afetivos – efetuados no cuidado com os filhos seriam os indicativos do sucesso do relacionamento do casal. Novamente, podemos perceber que diferentes fatores aparecem como indicativos do sucesso da relação.

A questão que surge então, é aquela que se refere diretamente aos aspectos que fazem com que um indivíduo seja eleito como parceiro amoroso em detrimento de outro. Pesquisas vêm sendo desenvolvidas, também na modernidade, tendo como objeto de estudo o relacionamento amoroso e a seleção de parceiros, buscando identificar quais mecanismos são responsáveis pelo surgimento e manutenção do amor.

1.2 – O amor na modernidade

Ao longo do século XX inúmeros estudos foram desenvolvidos sobre o amor e o relacionamento amoroso. A tentativa de identificar e analisar cientificamente o significado do amor suscitou, e ainda suscita, uma série de controvérsias. Neste trabalho, enfocaremos principalmente os teóricos americanos que empreenderam diversas pesquisas, estudos e trabalhos experimentais sobre o amor e o relacionamento amoroso nas sociedades ocidentais.

A partir da década de 80, no século XX, David Buss desenvolve uma série de estudos sobre o relacionamento amoroso. Seguindo uma perspectiva evolucionista, Buss (1988) afirma que o amor é um ato e não um simples estado, envolvendo manifestações e ações efetivas, e que tem como principal meta a intimidade sexual.

Após uma série de pesquisas em diferentes culturas sobre a seleção de parceiros, Buss (1989) identifica a existência de preferências compartilhadas e específicas entre homens e mulheres para a escolha do parceiro, preferências estas que envolveriam fortes vantagens seletivas. Segundo Jurberg e Jurberg (1977, p. 75):

(...) o homem atrai pela exibição de seus recursos, isto é, de suas características morfológicas e comportamentais, que demonstram a capacidade de gerar filhos e cuidar deles e da fêmea. A mulher, por sua vez, sinaliza a sua fertilidade através da exibição de suas características sexuais secundárias, que se tornam mais visíveis quando elas atingem a época da procriação.

Novamente podemos perceber a manutenção da idéia de que o amor e o ato sexual encontram-se vinculados em função da manutenção da espécie, visto que Buss (1988) considera que a intimidade sexual tem, na verdade, o propósito de estabelecer laços e produzir filhos, valorizando-se assim a juventude feminina e a capacidade masculina de gerar recursos financeiros. “O amor é a emoção humana universal que vincula os sexos, o terreno de encontro evolucionário onde homens e mulheres baixam suas armas”. (op. cit., 2000, p. 22).

O psicólogo John Money (1986) acredita que os indivíduos desenvolvem o que ele chamou de mapa amoroso. Este mapa amoroso representaria a imagem ideal sobre como deveria ser um parceiro, imagem essa que seria construída na infância e perseguida ao longo dos relacionamentos amorosos, mas também projetando no parceiro aquilo que o indivíduo considera como ideal. Para Fisher (1995, p. 48) “(...) quando realmente encontramos quem se encaixe dentro desses parâmetros, nós nos apaixonamos por ele, e nele projetamos nosso mapa amoroso”.

A busca por essa imagem idealizada poderia justificar uma série de escolhas amorosas, favorecendo a compreensão de alguns dos mecanismos da atração e do apaixonar-se. Conforme aponta Batten (1995, p.217), “O que um homem acredita que sua amada pensa a seu respeito pode ser muito mais importante do que o que ela pensa na verdade, e o mesmo se aplica às mulheres”.

1. 3 - A teoria do apego

Bowlby (1989), a partir de extensa pesquisa, propõe a Teoria do Apego, segundo a qual, as características do comportamento amoroso humano começam a ser construídas na primeira infância, acreditando na existência de uma evolução destas características até a idade adulta, vinculando a maneira pela qual os relacionamentos amorosos serão desenvolvidos às experiências vividas, especialmente com a figura materna. A Teoria do Apego, segundo Bowlby (1989, p. 118) enfatiza:

(a) o status primário e a função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos, cuja formação e manutenção são postulados como sendo controlados por um sistema cibernético, situado no sistema nervoso central, que utiliza modelos funcionais do self e da figura de apego, um em relação ao outro; (b) a poderosa influência, no desenvolvimento de uma criança, da maneira como é tratada por seus pais, especialmente pela figura materna, e (c) que o conhecimento atual do desenvolvimento de uma criança requer uma teoria do desenvolvimento que possa tomar o lugar de teorias que invocam fases específicas do desenvolvimento, nas quais – sustenta-se – uma pessoa pode tornar-se fixada e/ou pode retornar.

Conforme aponta Amélio (2001, p. 29), “Embora a criança já nasça com a capacidade de se apegar, o estilo de apego específico que vai desenvolver depende, em grande parte, do estilo de apego de quem toma conta dela no primeiro ano de vida, geralmente a mãe”. A partir da base de amor estabelecida teríamos o estilo de apego que, segundo Bowlby (1989), poderia se apresentar sob três formas: seguro, ansioso-ambivalente e ansioso com evitação.

O estilo de apego seguro seria aquele no qual a criança desenvolve extrema confiança na disponibilidade dos pais em suprir suas necessidades, recebendo respostas amáveis, protetoras e encorajadoras frente às suas solicitações. “(...) tratam seus pais de uma forma relaxada e amigável, estabelecem intimidade com eles de forma fácil e sutil e mantêm um fluxo livre de conversação”. (op. cit., 1989, p. 124). Tal contexto acaba por desenvolver na criança segurança para explorar o mundo ao seu redor, construindo respostas mais confiantes e favoráveis perante o outro.

O estilo de apego ansioso-ambivalente representaria uma incerteza em relação à disponibilidade familiar, promovendo assim insegurança quanto ao

afeto recebido. Esta incerteza tenderia a desencadear crianças com freqüente sensação de abandono, desenvolvendo forte ansiedade de separação frente à ambigüidade de afeto e comportamentos manifestados pelos pais. “(...) mostram uma mistura de insegurança que inclui tristeza e medo, e intimidade alternada com hostilidade, às vezes sutil e às vezes extrovertida” (op. cit., 1989, p.124).

O terceiro estilo de apego proposto seria o do tipo ansioso com evitação. Neste estilo, a criança apresentaria uma total falta de confiança em relação à presença e proteção familiar, sendo freqüentemente rejeitada. “(...) mantém-se ocupada com brinquedos ou alguma outra atividade e ignora, ou se mostra desatenta, às iniciativas dos pais” (op. cit., 1989, p. 125). Este estilo tenderia a contribuir para o desenvolvimento de crianças socialmente isoladas, rejeitando e sentindo-se freqüentemente rejeitadas em relação ao meio familiar e social.

A partir da pesquisa desenvolvida por Bowlby sobre o apego, Shaver, Hazan e Bradshaw (1988) propõem a existência de uma relação entre os estilos de apego e os estilos de amor romântico desenvolvidos na vida adulta. A pesquisa por eles realizada indicou que indivíduos caracterizados como do estilo seguro consideravam o amor um sentimento positivo, feliz e amigável, sendo capazes de lidar saudavelmente com a distância do parceiro. Os indivíduos do estilo ansioso-ambivalente relataram sentimentos ambivalentes, necessidade de reciprocidade e forte atração sexual, enquanto que os do estilo evitativo evidenciaram total descrença na existência do amor.

Para Shaver, Hazan e Bradshaw, o amor é um sistema dinâmico e complexo, que envolve cognições, emoções e comportamento. Partindo desse

construto, relatam evidências de que, apesar de constituírem a base dos relacionamentos amorosos, os estilos de apego sofrem uma série de interferências das experiências afetivas e sociais, podendo sofrer modificações ao longo da vida.

Conforme apontam Amélio e Martinez (2005, p. 23),

(...) essa forma de amar aprendida na infância vai sendo alterada com o tempo graças à interação com outras pessoas, como tios, avós, professores e demais crianças. Além disso, os estilos de amar são modificados por outras experiências. Assim, quanto mais se vive, menor a influência dos primeiros anos.

Assim como Shaver, Hazan e Bradshaw, o antropólogo John Lee também acredita que o estilo de amor não é rígido, modificando-se ao longo da vida.

1.4 - A teoria dos estilos de amor

Utilizando-se de uma analogia com a percepção das cores, Lee (1988) propõe a Teoria dos Estilos de Amor, segundo a qual existiriam três estilos primários de amor – Eros, Ludos e Estorge – e que esses estilos, da mesma forma que as cores, se combinariam de maneira tão variada que a forma pela qual cada indivíduo amaria seria única. Conforme Hernandez e Biasetto (2003, p.60) “(...) assim como nas cores, no amor também encontramos diversas variações, ou *love-styles*, deslocando o foco da questão do quanto duas pessoas se amam para quais cores do amor produzem uma boa combinação”. Tal concepção, de que existem inúmeras formas e possibilidades de amar,

reforçaria a idéia de que não existe uma definição única sobre o amor, mas sim aquilo que ele representa e significa para cada indivíduo e em cada relação. Rodrigues, Assmar e Jablonski (2001, p. 362) ressaltam que “(...) o estilo de amor de uma pessoa pode variar com o passar do tempo e com as experiências, ou ainda, num mesmo momento, variar segundo o tipo de parceiro”.

As pessoas que apresentam o estilo Eros seriam aquelas que possuem definições muito específicas sobre a aparência que o parceiro deveria ter, manifestando forte atração física junto com repentina sensação de reconhecimento do parceiro. Acredita no famoso amor à primeira vista. Os representantes do estilo Ludos seriam aqueles que se apresentam pluralistas no amor. Possuem parceiros simultâneos e estão sempre em busca da satisfação e do prazer. O estilo Estorge seria caracterizado por indivíduos que acreditam que o amor surge das semelhanças, normalmente como resultado de conhecimento prévio do parceiro.

Para Lee (1988) não se pode acreditar na existência de um único amor. Segundo o autor, é importante aceitar a existência de diferentes tipos de amor, especialmente por considerar que uma das maiores qualidades do homem consiste em sua variedade.

Apesar de ser universalmente reconhecido, o amor manifesta-se de diferentes maneiras, assumindo diferentes características e sentidos para cada indivíduo. Afirmar que todos amam da mesma maneira constitui perigosa e questionável afirmativa. Hernandez (1999, p. 15) resalta que “(...) o amor não é unitário, mas pode ser decomposto em grande número de ligações subjacentes

que tendem a manifestar-se simultaneamente”. O sentido e expectativa que cada indivíduo apresenta e constrói sobre o que seja amar e o que esperar do parceiro constitui atributo particular e mutável, vinculado às características pessoais, momento de vida e também, ao parceiro.

1.5 - A teoria triangular do amor

Considerando que o amor se manifesta de diferentes formas, Robert Sternberg (1986), psicólogo e pesquisador americano, propõe a Teoria Triangular do Amor, procurando descrever e entender aquilo que ele definiu como os componentes do amor. Segundo Sternberg, os componentes do amor seriam a intimidade, a paixão e a decisão/compromisso. Tais componentes se combinariam de diferentes maneiras e estariam presentes em diferentes intensidades, caracterizando assim os diferentes tipos de amor que poderiam ocorrer. A utilização metafórica da figura do triângulo favoreceria a compreensão desta dinâmica que envolve os componentes do amor, possibilitando uma maior identificação de seus componentes.

A intimidade pode ser descrita como o componente do amor que envolve sentimentos positivos e entusiásticos sobre o parceiro e a relação. O sucesso da relação estaria também vinculado a um desenvolvimento contínuo deste componente.

Características vinculadas ao desejo de promover o bem estar do parceiro, experiências conjuntas felizes, respeito pelo outro, poder contar com o apoio do parceiro, entendimento mútuo sobre o amor, compartilhar sentimentos

e posses, possuir intimidade de comunicação com o parceiro e receber e fornecer suporte emocional são as que mais caracterizariam este componente.

Além disso, segundo Sternberg (1988) a intimidade entre os parceiros envolveria a presença de honestidade, respeito, generosidade, suporte e aceitação, entre outros sentimentos.

A paixão é o componente vinculado a atração física, o desejo sexual e de romance e a satisfação por estar envolvido em um relacionamento. Frequentemente o curso da paixão é rápido, iniciando-se de forma intensa e estimulante, mas reduzindo-se com a mesma velocidade. Sternberg (1988) aponta que o reforçamento intermitente que tem poder de manter o relacionamento, é muito mais freqüente no início do mesmo, fato que poderia justificar a rapidez deste.

Frequentemente o componente da paixão apresenta forte necessidade de ato e satisfação sexual, assim como alternância de sentimentos de dominação e submissão ao parceiro.

Para compreender o componente decisão/compromisso é necessário entender que ele é composto por dois aspectos: a decisão de amar alguém e o compromisso em manter esse relacionamento. Esses dois aspectos não ocorrem necessariamente ao mesmo tempo, sendo freqüente que a decisão preceda o aspecto do compromisso. O curso e duração da relação vão depender do sucesso do relacionamento. Com certa freqüência, relações de amizade evoluem para um relacionamento amoroso.

É interessante considerarmos que, muitas vezes o fator decisão/compromisso é que fará perdurar o relacionamento quando ocorrem crises.

A descrição dos três componentes do triângulo do amor proposto por Sternberg favorece a compreensão de que as relações amorosas não são estáticas, necessitando inclusive desta mobilidade para que se estabeleçam, se desenvolvam e se mantenham. Segundo esse pressuposto, os três componentes se combinariam, formando os seguintes oito subtipos de amor.

1. *Só Intimidade: Gostando*. Este subtipo estaria vinculado aos sentimentos e experiências descritos como de verdadeira amizade. O relacionamento estaria exclusivamente calcado na intimidade, com ausência de paixão e decisão/compromisso.
2. *Só Paixão: "Gamação"*. Este subtipo poderia ser entendido como amor à primeira vista, tornando-se com certa frequência uma obsessão pelo outro, o qual é idealizado e freqüentemente sente-se desconfortável diante de tamanha demonstração de afeto. O relacionamento é quase sempre frustrante, consumindo tempo, energia e motivação. Apresenta forte desejo físico e emocional, sendo resultante da ausência da intimidade e da decisão/compromisso.
3. *Só Decisão/Compromisso: Amor Vazio*. O que vai caracterizar esse subtipo é a decisão de amar alguém, sem a presença da intimidade ou

da paixão. É bastante comum em indivíduos que mantêm longos e estagnados relacionamentos, já tendo desaparecido a atração física e o envolvimento emocional.

4. *Intimidade + Paixão: Amor Romântico.* Este subtipo de amor corresponderia àquela situação onde a atração física e emocional é intensa, mas de curta duração, não sobrevivendo a situações difíceis, conflitos ou distância.

5. *Intimidade + Compromisso: Amor Companheiro.* A principal característica desse subtipo seria a de ser um longo relacionamento de compromisso entre amigos, com desaparecimento da paixão e da atração física.

6. *Paixão + Compromisso: Amor Ilusório.* Este subtipo seria caracterizado pela paixão e compromisso imediatos, seguidos de forte frustração e rompimento. O desapontamento seria o sentimento resultante do término da paixão visto que, em função da ausência da intimidade, o relacionamento não conseguiria perdurar.

7. *Intimidade + Paixão + Compromisso: Amor Verdadeiro.* Este subtipo corresponderia ao amor desejado por todos, com presença e equilíbrio dos três componentes.

8. *Ausência dos Três Componentes: Sem Amor.* Este é o subtipo que caracterizaria os relacionamentos interpessoais ocasionais e profissionais, não despertando expectativas afetivas.

A descrição dos componentes e subtipos do amor favorece a constatação de que o sucesso dos relacionamentos afetivos depende significativamente da capacidade de adaptação das pessoas envolvidas na relação, sendo necessário considerar a intensidade e o equilíbrio do amor. O caráter dinâmico da relação também vai incluir o fato de que a ação dos indivíduos envolvidos no relacionamento amoroso é fundamental, pois o “triângulo” não é apenas um sentimento, mas requer envolvimento, participação e atuação dos membros do casal. Sternberg (1987) ressalta que é importante que ocorra uma “ação triangular”, ou seja, os componentes do amor precisam manifestar-se na prática, favorecendo a interação com o parceiro.

A partir da compreensão do dinamismo desta interação faz-se necessário considerar que os indivíduos possuem diversos “triângulos de amor”. É, a partir da interação desta dinâmica triangular que o sucesso ou fracasso dos relacionamentos vai se estabelecer.

Não há apenas um triângulo em qualquer relacionamento, mas vários. Por exemplo, cada pessoa tem um triângulo real e um triângulo ideal. Quanto maiores as diferenças entre os vários triângulos, menor a satisfação no relacionamento. Para que o amor possa florescer, as ações num relacionamento amoroso devem refletir o tamanho e a forma do triângulo do amor. (Hernandez, 1999, p. 16).

Em função da multiplicidade de triângulos encontrados, faz-se necessário considerar que os ideais amorosos construídos sobre os relacionamentos também se relacionam com as experiências amorosas anteriores e com as expectativas construídas sobre o atual relacionamento (Sternberg, 1998).

Conforme Hernandez e Biassetto (2003, p.61),

(...) para cada membro de um casal podemos observar o que um sente realmente pelo outro, o que cada um gostaria idealmente de sentir pelo outro, o que cada um sente por ele e como cada um gostaria, idealmente, que o outro sentisse por ele.

A partir da análise dos estudos sobre a Teoria Triangular do Amor, Sternberg identifica uma diferença entre aquilo que os participantes percebiam como real em seus relacionamentos e aquilo que gostariam efetivamente de vivenciar. Tal constatação acaba por suscitar um questionamento sobre a maneira pela qual os indivíduos vivem seus relacionamentos afetivos e o que eles constroem como ideal de relacionamento. Não de maneira excludente, mas sim, complementar, Sternberg (1996) afirma que, além da Teoria Triangular do Amor, uma outra “história” deveria favorecer o entendimento das escolhas, satisfação e manutenção dos relacionamentos afetivos, considerando as expectativas construídas sobre os relacionamentos amorosos vividos e também sobre os relacionamentos idealizados.

A partir desse questionamento, identifica a necessidade de aprofundar estudos sobre a maneira pela qual os casais idealizam, procuram e vivem seus relacionamentos amorosos. Com base nesta argumentação, Sternberg (1996) propõe um novo modelo para o entendimento dos relacionamentos afetivos, aquilo que ele denominou como “Uma Nova Teoria dos Relacionamentos: O Amor é uma História”.

1.6 – O amor é uma história

O que tem que ser
Assim será
Vai acontecer
Sem esperar...
Você não entende
O que mexeu comigo
Quero você e vou te amar

Chico Roque e Paulo Sérgio Valle

Segundo Sternberg (1996) todos os indivíduos possuem uma história particular de amor, história essa que seria individualmente construída a partir das experiências afetivas vivenciadas. Estas histórias corresponderiam a enredos que abrangeriam idéias sobre o que seja o amor, a maneira pela qual ele deve surgir e se desenvolver, assim como os papéis que cada parceiro deve desempenhar.

Uma das crenças mais fortes no que concerne ao amor entre homens e mulheres é a de que eles precisam completar um ao outro, apresentando características que completem ou equilibrem as do outro. O primeiro autor a propor a Teoria da Complementaridade de Papéis foi Winch, em 1955.

Segundo essa teoria, as pessoas procuram satisfazer as suas necessidades casando-se com parceiros que as preencham, com os quais não entrem em conflito ou que as “complementem”. Quando dois parceiros se complementam em vários aspectos, satisfazem várias necessidades mútuas. (Amélio, 2001, p. 153).

Posteriormente Sternberg (1986) propõe que a complementaridade de papéis esteja vinculada ao fato de que os indivíduos tendem a buscar parceiros que possam desempenhar papéis que complementem àqueles idealizados previamente. Conforme Mayor e outros (2006, p.37) “(...) muito freqüentemente

o amor surge não em relação ao outro, mas sim em relação a um outro, que aceita desempenhar, mesmo sem saber, o papel que lhe cabe naquela história de amor”. Essa busca por parceiros que se adequem ao papel previamente idealizado pelo outro pode explicar uma série de relacionamentos satisfatórios ou não. Se, por um lado, encontramos histórias nas quais o outro se “encaixa” perfeitamente no formato previamente idealizado, por outro, após um período inicial, quando a identificação das reais características do outro ocorre, percebe-se que estas não são verdadeiramente complementares, o que tende a conduzir ao conflito e a insatisfação amorosa.

Segundo Sternberg (1996), o pressuposto básico das “Histórias de Amor”, é o de que as histórias são internamente construídas, tendo um começo, meio e fim antecipados, dentro de uma estrutura narrativa e fantasiosa desenvolvida e idealizada pelo indivíduo. Estas histórias seriam construídas ao longo da vida, tanto a partir de seus envolvimento afetivos e disposições pessoais, quanto com as interações feitas com o meio e com histórias de amor ouvidas ou vistas ao longo de seu percurso.

Para Dattilio e Padesky (1995), a personalidade dos indivíduos é composta por esquemas superiores, os quais seriam resultantes de experiências pessoais e influências familiares e sociais. A maneira pela qual esses esquemas são construídos irá exercer influência na forma pela qual as experiências vividas serão avaliadas, codificadas e categorizadas. Beck e Freeman (1993), afirmam que os esquemas irão atribuir significados aos eventos, podendo englobar relacionamentos afetivos, atitudes e sentimentos em relação a si próprio e aos outros.

O entendimento da forma pela qual os esquemas de cada indivíduo foram sendo construídos e reforçados ao longo da vida favorece a compreensão da maneira pela qual muitas pessoas desenvolvem seus relacionamentos amorosos. Frente a situações que ativem esses esquemas, é freqüente que o indivíduo responda de forma similar, reproduzindo situações anteriormente experimentadas ou imaginadas. Desta forma, ao se deparar com um parceiro que, aparentemente, pode desempenhar o papel previamente imaginado, é freqüente que os esquemas amorosos sejam ativados, favorecendo a construção de expectativas, sentimentos e comportamentos frente a este parceiro.

Conforme Young (2003, p. 15)

Os esquemas iniciais desadaptativos se referem a temas extremamente estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância, são elaborados ao longo da vida e são disfuncionais em um grau significativo. Esses esquemas servem como modelos para o processamento da experiência posterior.

1.7- Scripts amorosos de Millman

A socióloga americana Márcia Millman desenvolveu um estudo com 100 mulheres, identificando a ocorrência de associações significativas entre esquemas ou “scripts” amorosos e as experiências vividas ao longo da vida. Segundo a autora, as pessoas repetem o mesmo “script”, mesmo que seja decepcionante, por estarem fortemente vinculadas a ele, agindo

automaticamente, mas também na tentativa de obterem melhores resultados. “Somos atraídos por “scripts” que nos dão a chance de voltar no tempo e refazer alguma coisa, na esperança de que ela acabará saindo do jeito que queríamos que fosse” (Millman, 2004, p. 12). A partir deste estudo, ela propõe que existem “sete histórias de amor” principais, as quais também se originariam das primeiras experiências afetivas vivenciadas.

A primeira história proposta é a definida como “Primeiro Amor”, e teria como principal característica a busca pela construção da própria identidade, ocorrendo concomitantemente com o afastamento dos pais. Normalmente esse primeiro amor é extremamente idealizado, visto que a autora acredita que a auto-estima é elevada quando os parceiros vinculam-se a indivíduos admirados. Esta história também pode se manifestar de forma bastante evidente na meia-idade, quando alguns indivíduos buscam resgatar a juventude através do reencontro com o primeiro amor.

A segunda história proposta por Millman (2004) é a denominada “Pigmalião”, que envolve a aproximação e o apaixonar-se por indivíduos que podem colaborar no seu desenvolvimento afetivo e pessoal, sendo freqüente entre pessoas com grande diferença de idade e entre professores e alunos. É interessante ressaltar que após um período de paixão, é freqüente que o parceiro em posição inferior, após ter assimilado e adquirido uma série de valores, não se mostre mais apaixonado. “No princípio, ela decorava cada palavra de sabedoria que brotava dos lábios dele, mas no fim ele parecia um chato didático” (op. cit., 2004, p. 60).

O terceiro tipo de história proposto é conhecido como “Amor Obsessivo”. Nesta história, o sentimento de rejeição e abandono é que predomina, com o parceiro acreditando que qualquer atitude tomada pelo alvo do amor representa uma tentativa de abandono. “(...) a pessoa perde de tal forma o contato com a realidade que faz qualquer coisa para ter o bem-amado, não importa o quanto esse amor é irreal ou vai causar muito sofrimento a si mesma ou aos outros” (Millman, 2004, p. 85). O ciúme é predominante, com as pessoas revivendo situações de abandono experimentadas na infância.

O quarto tipo de história é definido como “Mulher Inferior e Homem Superior”. Aqui o apaixonar-se está vinculado a idéia de uma mulher inteligente, mas de classe social inferior, que busca elevar o nível social através do relacionamento amoroso.

A história “Sacrifício” corresponde a quinta definição, e envolve a idéia de que para alcançar o que se deseja são necessários inúmeros sacrifícios e renúncias. A renúncia ao próprio objeto de amor representa uma manutenção da história, visto que as pessoas que apresentam esse “script” tendem a acreditar que ao renunciar ao objeto da paixão, esse amor será eterno. “Nas histórias de Sacrifício, os amantes sempre concluem que só guardando o amor na lembrança é que ele poderá permanecer puro e intacto” (op. cit., 2004, p. 145).

A sexta história proposta é a “Resgate”, na qual o indivíduo se apaixona por alguém que já passou por um grande trauma ou foi ferido no passado. A crença é a de que o seu amor será capaz de salvar todo o potencial oculto do parceiro. Muitas vezes essas pessoas se envolvem com indivíduos violentos,

mas não conseguem se afastar, acreditando sempre que o parceiro conseguirá se salvar através de seu amor.

A sétima e última história descrita é a “Coragem para Amar”. Esta história destaca que os indivíduos podem adotar comportamentos de adiamento e evitação frente aos relacionamentos amorosos por apresentarem medo de se comprometerem e de viverem envolvimento afetivos reais.

Em função dos diferentes momentos e experiências vivenciados, estas histórias acabam por serem múltiplas, representando diferentes momentos da vida. Entretanto, podemos identificar o predomínio de algumas histórias em detrimento de outras, fato este que poderia ajudar na compreensão de alguns relacionamentos amorosos. Millman (2004, p. 11) afirma que:

(...) cada um de nós tem uma história predominante de amor que repetimos ao longo de nossas vidas, seja com um parceiro ou em diferentes relacionamentos. Além disso, essa história predominante determina a nossa escolha de parceiros e o nosso comportamento em momentos críticos. Às vezes notamos padrões repetitivos em nossos relacionamentos amorosos, mas raramente reconhecemos o nosso “script” principal, ainda que ele domine nossas vidas.

Ao procurar um parceiro, é freqüente que se busque por alguém que compartilhe ou possua uma história de amor que seja compatível com a própria história. Entretanto, essa percepção muitas vezes não é consciente, manifestando-se através de caracterizações simplistas sobre bons ou maus relacionamentos. Sternberg (1996) ressalta que, de acordo com sua teoria das “Histórias de Amor”, o que os indivíduos buscam são parceiros que combinem com a história desenvolvida, sendo complementares no que concerne ao papel

a ser desempenhado na história. Conforme aponta Amélio (2001, p.154) “(...) geralmente nos apaixonamos pelas pessoas que poderão desempenhar papéis complementares aos nossos”.

Apesar da grande quantidade e tipos de histórias de amor descritas, percebe-se o maior potencial de sucesso de algumas, colaborando para a satisfação conjugal, mas é importante destacar, que tal sucesso dependerá tanto da situação e de sua definição do que seja sucesso, quanto do nível de credibilidade que as pessoas envolvidas a elas conferem.

As pessoas apresentam modelos ideais para os relacionamentos, sendo que estes modelos são tão importantes quanto o próprio relacionamento. Sternberg e Barnes (1985), relatam que os modelos ideais controlam tanto a maneira pela qual as histórias são formadas quanto o nível de felicidade com a história vivida.

1.8 - Histórias de amor de Sternberg

Em suas pesquisas, Sternberg (1996, 1998), identificou as vinte e seis histórias de amor mais freqüentes e classificou-as em cinco grandes grupos, de acordo com suas principais características. Apesar das histórias serem diferentes, algumas possuem enredos semelhantes, o que justificou o agrupamento efetuado. Estes grupos e histórias são os seguintes:

1.8.1– Histórias Assimétricas

O grupo que é composto pelas histórias assimétricas tem como principal característica a idéia de que a base de um relacionamento amoroso consiste na assimetria entre os parceiros, com um deles apresentando-se no controle ou comando da relação e o outro como controlado ou comandado.

1.8.1.1– A história Professor-Aluno

Neste tipo de história assimétrica, um dos parceiros desempenha o papel de professor, tendo prazer em ensinar, enquanto o outro se apresenta no papel de aluno, tendo prazer em aprender com o parceiro. Percebe-se neste tipo de história a presença de diferentes tipos de experiência por parte dos parceiros, o que poderia caracterizar um relacionamento amoroso onde o poder estaria vinculado ao nível de experiência possuída.

1.8.1.2 – A história Sacrifício

A história do tipo Sacrifício apresenta como principal característica a necessidade de freqüentemente realizar sacrifícios pelo parceiro ou pelo relacionamento (o indivíduo não se sente realmente satisfeito na relação caso isto não ocorra). Segundo Sternberg (1998), este tipo de história também pode conter em seu enredo sacrifícios pelos filhos e por outros relacionamentos afetivos e sociais.

1.8.1.3 – A história Governo

Esta história refere-se fundamentalmente a atribuição e distribuição de poder no relacionamento. Esta distribuição pode apresentar-se de uma maneira democrática, com as decisões sendo tomadas em conjunto, ou de uma maneira autocrática, com as decisões sendo de responsabilidade exclusiva de um dos membros do casal.

1.8.1.4– A história Polícia

Neste tipo de história, a idéia é a de que é necessário impor a “Lei” dentro do relacionamento, mesmo que essa lei seja uma construção absolutamente particular dos membros do casal. Os movimentos de um ou ambos os parceiros são permanentemente vigiados e controlados, sendo necessário um total conhecimento e controle sobre as atividades e sentimentos do outro. A violência e o castigo podem ser empregados quando um comportamento é entendido como infrator ou desviante daquela lei imposta. Esta punição é entendida por ambos os parceiros como absolutamente pertinente e aceitável no relacionamento.

1.8.1.5– A história Pornografia

A história Pornografia envolve fortes componentes sexuais e de degradação do parceiro, com características extremamente passionais. Diferentes, curiosas e até mesmo dolorosas e humilhantes técnicas e comportamentos sexuais podem estar presentes, sendo necessária à satisfação

de todos os desejos sexuais do parceiro, mesmo que isto exponha um dos membros do casal a situações humilhantes ou degradantes.

1.8.1.6– A história Horror

A principal característica da história Horror consiste em manter o parceiro permanentemente assustado. A idéia de que ter medo do parceiro pode ser excitante no relacionamento amoroso é freqüente, sendo comum a ocorrência de comportamentos abusivos e controladores.

1.8. 2 – Histórias de Objeto

O grupo composto pelas histórias de objeto apresenta como principal característica a idéia de que as pessoas ou relacionamentos possuem valor por se apresentarem como objetos, e não por si próprios. A importância do parceiro reside na função que ele desempenha no relacionamento.

1.8. 2 .1 – A história Ficção-Científica

Neste tipo de história, o parceiro é visto como diferente e esquisito, sendo freqüentemente comparado a seres de outro planeta. A perplexidade e confusão em relação ao comportamento do outro caracteriza esta história, fazendo com que parte do excitação e interesse resida nesta imprevisibilidade.

1.8. 2 .2– A história Coleção

Nesta história, a presença de vários parceiros não só é aceitável como necessária. A idéia é a de que quanto mais parceiros existem, mais excitante se configura o relacionamento, além do fato de que cada parceiro diferente representa o preenchimento de diferentes necessidades e funções em um relacionamento amoroso.

1.8. 2 .3– A história Arte

Na história do tipo Arte, o valor é atribuído à aparência física do parceiro. É necessário que ele apresente as características consideradas pelo outro como dignas de admiração e contemplação. O prazer reside na possibilidade de ver, admirar e também, exibir sua boa aparência.

1.8. 2 .4 - A história Casa e Comida

Neste tipo de história, a casa é considerada o centro do relacionamento, recebendo atenção e cuidados permanentes dos parceiros e sendo entendida como uma extensão do relacionamento do casal. A sua organização e funcionamento são apresentados como símbolo da relação.

1.8. 2 .5 - A história de Recuperação

Na história de Recuperação, freqüentemente, um dos indivíduos vivenciou algum tipo de trauma pessoal ou apresentou algum tipo de dependência química. O parceiro é visto como alguém que será capaz de ajudá-lo a

esquecer, minimizar os efeitos negativos ou recuperar-se deste passado doloroso.

Neste tipo de história, a co-dependência mostra-se bastante evidente, visto que o outro parceiro também sente forte necessidade de ajudar na recuperação do outro, ocorrendo uma forte reciprocidade na dependência de ambos.

1.8. 2 .6– A história de Religião

A história do tipo Religião pode apresentar dois aspectos distintos. No primeiro, a religiosidade dos parceiros é ingrediente fundamental do relacionamento, com ambos dedicando igual obediência e fervor às regras ditadas por Deus.

No segundo aspecto, o próprio relacionamento é entendido como uma forma particular de religião, no qual os parceiros encontram a salvação “religiosa” de sentimentos como o abandono e o desespero.

1.8. 2 .7– A história de jogo

A história do tipo jogo pode ser entendida como aquele relacionamento no qual os parceiros envolvem-se em diferentes tipos de disputas e competições entre si, havendo um ganhador e um perdedor.

1.8. 3 – Histórias de Coordenação

O grupo que é representado pelas histórias de coordenação apresenta como característica principal a percepção pelos parceiros de que o amor é um

sentimento que os envolve em um movimento conjunto de manutenção do relacionamento e do sentimento.

1.8. 3.1– A história Viagem

A história do tipo Viagem tem como idéia principal a noção de que o relacionamento amoroso é uma jornada que deve ser feita de maneira conjunta. O valor do relacionamento não reside no fim a que se destina, mas sim no percurso que é feito, de forma coordenada e conjunta.

1.8. 3.2– A história Costurar e Tricotar

Neste tipo de história, o relacionamento é visto como um processo permanente de construção, com as situações vividas podendo ser feitas e refeitas tal qual um processo de costurar ou tricotar. A idéia central é de que as coisas podem ser desfeitas e depois refeitas na direção de uma maior satisfação no relacionamento, o qual é construído de acordo com o padrão que melhor se ajusta ao indivíduo.

1.8. 3.3– A história Jardinagem

Na história do tipo Jardinagem, o relacionamento é visto pelos parceiros tal qual um jardim, que precisa ser constantemente regado e cuidado.

Este tipo de história manifesta uma necessidade de cuidar e zelar permanentemente pelo relacionamento, dedicando-lhe uma grande quantidade de esforços e cuidados, acreditando-se que esta é a maneira pela qual ele irá perdurar.

1.8. 3.4– A história Negócios

Neste tipo de história, o relacionamento é considerado uma espécie de negócio, sendo avaliadas a adequação do parceiro em termos econômicos e sociais e sua própria capacidade de negociação do relacionamento. As implicações econômicas e financeiras encontram-se presentes, acreditando-se que um bom relacionamento afetivo corresponde a uma boa proposta comercial.

1.8. 3.5– A história Vício

A história do tipo Vício é aquela na qual um dos parceiros experimenta uma necessidade intensa da atenção e presença do outro, assemelhando-se muito a dependência de drogas, apresentando inclusive sentimentos de abstinência na ausência do parceiro.

A sobrevivência sem a presença do parceiro é vista quase como impossível, com este sendo considerado condição fundamental para sua própria vida.

1.8. 4– As Histórias de Narração

O grupo das histórias de narração corresponde aquele no qual ocorre a crença de que existe uma espécie de “script”, real ou imaginário, que deve ser seguido, orientando os parceiros sobre a forma pela qual devem proceder no relacionamento.

1.8. 4.1 – A história Fantasia

A história do tipo Fantasia corresponde às histórias clássicas sobre príncipes e princesas, reforçando a ideia de que um parceiro ideal, tal qual um sonho, será encontrado, corresponderá e suprirá todos os desejos do outro e, como em um conto de fadas, serão felizes para sempre.

1.8. 4.2 – A história História

Neste tipo de história, o passado dos indivíduos faz-se fortemente presente, com os parceiros acreditando que as situações presentes são marcadas pelo acúmulo das histórias e situações vividas por cada um deles. Recordar e compartilhar os momentos vividos caracterizam a importância e valor que o relacionamento possui.

1.8.4.3 – A história Ciências

Na história do tipo Ciências, a crença é a de que os relacionamentos podem e devem ser analisados, estudados e compreendidos tal qual um experimento científico. Acredita-se que as situações devam ser frequentemente discutidas e aprofundadas seguindo esse modelo, o que favoreceria a maior compreensão do relacionamento e, conseqüentemente, do parceiro.

1.8.4.4 – A história Livro de Receitas

Neste tipo de história, os indivíduos acreditam que para que o relacionamento tenha êxito existe uma espécie de receita, de regra que deve ser seguida, da mesma forma que se segue uma receita culinária. Segundo

essa história, existe uma maneira correta e uma maneira errada de se desenvolver um relacionamento amoroso.

1.8.5– As Histórias de Gênero

As histórias que compõem o grupo que envolve o estilo denominado como de gênero correspondem aquelas que contém a idéia de que existe um caminho, um estilo a ser desempenhado em um relacionamento amoroso.

1.8. 5.1 – A *história de Guerra*

Neste tipo de história, os parceiros relacionam-se como se estivessem em uma batalha, em uma guerra, brigando e discutindo freqüentemente. Existe a idéia de que os relacionamentos envolvem uma série de conflitos, e que estes conflitos são positivos e saudáveis para o casal.

1.8. 5.2 – A *história Teatro*

Na história do tipo Teatro, um ou ambos os parceiros, acreditam que estão participando de uma peça teatral, seja no papel de ator principal, seguindo roteiros e desempenhando cenas, seja no papel de platéia, assistindo ao desempenho e a mudança do papel do outro. O prazer do relacionamento encontra-se vinculado à possibilidade de reescrever as cenas que serão desempenhadas, possibilitando-se assim a escolha do final desejado para a peça.

1.8. 5.3 – A história Humor

Neste tipo de história, o humor e a possibilidade de ver o lado engraçado de um relacionamento aparecem como fatores fundamentais entre os parceiros. O senso de humor pode ser utilizado tanto para relaxar em momentos tensos, quanto como um instrumento que serve para evitar que determinados conflitos ou questionamentos apareçam entre os parceiros.

1.8. 5.4– A história Mistério

Neste tipo de história, os parceiros apreciam a sensação de que segredos, situações ou características desconhecidas que cercam o parceiro são fortemente atraentes e ajudam a manter o interesse e a curiosidade sobre o outro e, conseqüentemente, sobre o relacionamento.

A partir da descrição das vinte e seis histórias de amor propostas por Strnberg, vários estudos começam a ser desenvolvidos, objetivando a avaliação da freqüência e a compreensão da dinâmica destas histórias no estabelecimento, manutenção e satisfação dos relacionamentos amorosos.

Utilizando-se de curtas histórias que representariam o sentido de cada um dos temas centrais das “Histórias de Amor”, Sternberg (1996) solicitou que sessenta estudantes indicassem, através de uma escala unipolar do tipo Likert de sete pontos, a representatividade de cada história no que tange aos seus relacionamentos atuais e aos relacionamentos que consideravam ideais. Em seu estudo inicial, Sternberg identificou diferenças significativas em relação ao sexo, com homens elegendo mais freqüentemente as histórias do tipo arte,

coleção e pornografia, e as mulheres elegendo mais freqüentemente as histórias do tipo viagem.

Um estudo desenvolvido por Silva e outros (2005), utilizou um inventário do tipo auto-relato sobre histórias de amor – especialmente construído para a pesquisa, com vinte e quatro textos curtos sobre “Histórias de Amor” – em uma amostra composta por 76 estudantes universitários. Este estudo identificou semelhanças nas histórias preferidas por homens e mulheres. Homens e mulheres elegeram como histórias mais vivenciadas aquelas pertencentes ao grupo de coordenação: Viagem e Costurar e Tricotar. É importante destacar que ambos os sexos mostraram-se engajados no desejo de lidar com o relacionamento amoroso como um processo em permanente manutenção.

Um estudo exploratório desenvolvido por Mayor e outros (2006), com um grupo de trinta pessoas, utilizou também um inventário do tipo auto-relato, com 37 itens contendo, cada um, quatro textos curtos sobre as “Histórias de Amor”. O número elevado de itens ocorreu em decorrência da utilização integral das sub-divisões contidas nos grupos de diferentes histórias propostas por Sternberg (1996). Observou-se concordância com os resultados obtidos por Silva e outros (2005), com as histórias de coordenação sendo novamente apontadas como as mais vivenciadas pelos participantes do estudo.

Como essas histórias se manifestam e influenciam a relação conjugal, especialmente no que concerne ao nível de satisfação dos parceiros, ainda não foi investigado até o momento.

1.9 - As transformações do casamento

Ao longo da história da humanidade, o casamento entre homens e mulheres atendeu uma série de características, objetivos e funções diferentes. Mitos, regras, crenças e valores sociais e culturais marcaram, e ainda marcam, a história do casamento.

O casamento, na maioria das sociedades ocidentais, tem suas raízes em controversos ideais que se apoiavam nos princípios da moral judaico-cristã. Era considerado pelos judeus como a união legítima entre o homem e a mulher, em duradoura comunhão corporal e espiritual. Respeitava-se o vínculo matrimonial por ter sido instituído por Deus (Gen.2,23s), e prescrito nos Mandamentos e na Lei. (Munhoz, 2001, p. 15).

Teóricos como Ariès, Flandrin e Giddens apontam que nos primórdios do cristianismo o casamento não era valorizado, sendo entendido como um mal que interferia nos ideais monásticos vigentes. O casamento, que implicava na ocorrência da atividade sexual, era hostilizado e descrito como fonte de angústia e sofrimento para o casal, que não mais se dedicava de “corpo e alma” a Deus.

Nos séculos III e IV o casamento passa a ser encarado pela Igreja como possibilidade de controle da libertinagem, sendo considerado como uma alternativa mais segura aos prazeres da carne. Surge então o modelo que descreve o casamento como monogâmico e indissolúvel.

Ao longo do século V transformações sociais também repercutiram no modelo do casamento, que passou a ser caracterizado pela transmissão de

bens e poder, com a mulher sendo encarada como patrimônio familiar. O acordo nupcial era feito pelos pais, sem a interferência do futuro casal. A importância residia na continuidade da linhagem.

“No decorrer dos séculos XI e XII, a Igreja foi levada a intervir cada vez mais diretamente nos casamentos, a fim de controlá-los e aproximá-los do modelo sacramental que estava definindo e fixando”. (Ariès, 1987, p.169) Segundo Vainfas (1986), no século XIII, a partir do Concílio de Trento, o casamento passa a ser entendido como um sacramento, simbolizando a união entre Cristo e a Igreja, tornando-se então uma verdadeira Instituição. Os rituais religiosos começam a ser praticados, com cerimônias públicas e legitimadas pela lei.

Com o surgimento do capitalismo, no fim do século XV, o casamento também passou a ser considerado um contrato, no qual as pessoas deveriam ter liberdade de escolha do parceiro. “A partir de então a burguesia ascendente reconheceu a liberdade de contratar o casamento, proclamando o jogo amoroso como um direito humano”. (Munhoz, 2001, p. 19).

O amor começa então a ser cultuado, valorizado e procurado por homens e mulheres, e passa a ser considerado como fator importante e pertencente ao casamento. O ato sexual dentro do casamento também se torna sacramentalizado, representando a união entre Deus e Igreja e visando exclusivamente a procriação.

As histórias românticas começam a povoar o imaginário social, com poetas e historiadores valorizando a união do corpo, mente e espírito. “Ser

romântico passou a ser sinônimo de cortejar e os romances foram a primeira forma de literatura a alcançar uma população de massa” (Giddens, 1993, p. 36).

Ao longo do século XX, marcado por intensas transformações sociais, culturais e tecnológicas, o casamento também assumiu distintas formas de apresentação. No início do século, a mulher era representada como figura idealizada, sendo responsável pelos filhos e submetida aos desejos e desígnios do marido.

Com as guerras, a mulher precisou sair da proteção e tutela do marido e trabalhar para sustentar a casa e os filhos. Esta mudança na posição feminina, de passiva e frágil para ativa e forte, acabou por originar a chamada Revolução Feminina que, iniciada como uma tentativa de emancipação feminina culmina como uma revolução de costumes, posturas e valores.

Como parte destas lutas mais gerais, surge, neste mesmo período, uma série de movimentos feministas, em especial na Europa e nos Estados Unidos que, reforçados pelo aparecimento de anticoncepcionais mais eficazes – levando as mulheres à possibilidade de realizar suas tentativas milenares de separar sexualidade e procriação –, começam a questionar a limitação da mulher aos papéis de esposa, mãe e educadora, bem como a castração de que esta era vítima no que tocava à sua sexualidade. (Rocha-Coutinho, 1994, p.112).

O casamento deixou de ser o lugar único do exercício da sexualidade, com mulheres passando a exercê-la de forma mais livre e prazerosa. O amor passa a ser considerado o fator decisivo para o casamento.

No final do século XX e início do século XXI o casamento continua sendo encarado como Instituição, mas não mais indissolúvel. Parceiros, cada vez mais, buscam a satisfação conjugal, encarando o casamento como uma relação

que precisa ser satisfatória para ambos, não como um acordo inabalável, mas sim como uma relação que precisa de amor. “Em nossa cultura urbana, moderna e pós-uma-porção-de-coisas, o amor permanece quase que como única razão para se casar”. (Jablonski 1998, p.71). Entretanto, para o mesmo autor, “(...) a promessa de uma felicidade ímpar, atrelada a um amor infindável e ao gozo de uma sexualidade livre e plena, bate de frente com o casamento monogâmico e a dura constatação de que a paixão é solúvel no tempo” (op.cit., p. 233).

A continuidade do casamento satisfatório para ambos os parceiros implica em diferentes fatores. Giddens (1993), aponta para a necessidade de que os parceiros sintam que obtém benefícios suficientes no relacionamento para que sua continuidade seja justificada.

Uma relação conjugal viva e criativa desliza entre a manutenção e o desdobramento de uma forma peculiar de interação e de sua transformação em outras, mas não sem desvios nem de forma ascendente e linear, e sim num constante ir e vir, ir mais além e retornar. (Lamanno, 1994, p. 23).

Uma das transformações mais significativas no casamento ao longo do século XX foi o surgimento “oficial” da co-habitação como modelo de relacionamento estável. Muitos casais passaram a optar por uma convivência antes de formalizar a união. “O casamento moderno parece depender cada vez mais da idéia de amor-romântico e menos da idéia de contrato”. (Goldenberg, 1997, p. 118).

O desejo de compartilhar espaço com o parceiro, verificar afinidades e experimentar previamente a possibilidade de satisfação na união contribuiu muito para este processo, sendo quase que um estágio pré-marital.

Para alguns casais, viver junto favorece muito mais a construção de uma relação dinâmica, com cuidados mútuos do que o casamento oficial, cuja imagem de segurança traz o risco de acarretar a postura do descuido e de estagnação, que termina por deteriorar o vínculo. (Maldonado 1986, p.53).

1.10 - A satisfação conjugal

Quais fatores podem ser considerados determinantes da satisfação conjugal? Que indicadores ou modelos podem indicar que aquela união será, mais do que duradoura, satisfatória para ambos os membros do casal?

Segundo Figueredo (2005), o estudo científico da satisfação conjugal teve início na década de 20 do Século XX, com o trabalho de Hamilton intitulado “A research in marriage”, no qual pesquisou o casamento. Dela Coleta (1989) afirma que neste momento o ajustamento conjugal era considerado a partir do sentimento de satisfação com o parceiro e com o casamento, e do desejo de compartilhar atividades e interesses comuns.

O estudo dos fatores responsáveis pela satisfação dos cônjuges suscita algumas discussões importantes, especialmente no que concerne ao que seria considerado como satisfação ou insatisfação com o seu relacionamento.

Especificamente, a conceituação do que seria um casamento satisfatório é tarefa árdua não só para os leigos, mas também para o meio científico. Se se pensar que o casamento envolve dois seres humanos e a complexidade de suas vivências prévias particulares, os quais vêm a estabelecer uma vida nova, pode-se vislumbrar o imenso número de fatores que se interconectam na vida a dois. (Féres-Carneiro e Mosmann, 2006, p. 316).

Diversos são os fatores que podem ser entendidos como preditores da satisfação conjugal. Hernandez e Biasetto (2003) destacam que a intimidade comunicativa – sentimento de ser compreendido pelo parceiro, podendo confiar e se comunicar com o mesmo – consiste em elemento fundamental para a satisfação, valorizando a comunicação, compreensão, apoio e confiança entre o casal.

Para Arriaga (2001), que faz referência à teoria da interdependência de Kelley e Thibaut, a satisfação que um indivíduo possui acerca de um relacionamento está ligada a uma avaliação individual da positividade que existe o relacionamento. Nesses casos, uma pessoa pode ser considerada satisfeita com seu relacionamento quando os produtos de uma relação superam o que é esperado dessa relação. De acordo com Arriaga, um nível de satisfação alto e estável está associado à existência prolongada de um relacionamento no decorrer do tempo. (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade, 2004, p. 12).

Gottman e Silver (2000), afirmam que casamentos felizes são resultado de um movimento do casal no qual os sentimentos e pensamentos negativos e recíprocos são impedidos de dominar os sentimentos positivos em seu cotidiano. A capacidade de lidar de forma respeitosa e compreensiva com o parceiro e com o casamento seria determinante para que a relação se mantivesse de forma duradoura e satisfatória para o casal.

Segundo Norgren, Souza, Kaslow, Hammerchmidt e Sharlin (2004), a satisfação conjugal precisa ser entendida como um fenômeno complexo, sofrendo influências de fatores como valores, atitudes, características de personalidade, necessidades pessoais, escolaridade e nível cultural.

Conforme Sternberg (1989, apud Hernandez e Biasetto, 2003, p. 23):

As diferenças percebidas predizem melhor a satisfação que as diferenças reais. Com efeito, depois de considerar o que uma pessoa crê que a outra sente, o que essa última realmente sente não produz diferença quanto à satisfação, ou seja, a própria percepção dos sentimentos da outra pessoa são mais importantes para a satisfação do que os sentimentos reais. A melhor forma de prever a satisfação dentro de uma relação, portanto, consiste em achar a diferença entre o que uma pessoa espera da outra e aquilo que essa pessoa pensa que está recebendo.

Interessado na construção de um instrumento que possibilitasse a mensuração da satisfação conjugal, Spanier (1976) desenvolveu a escala de ajustamento conjugal (DAS – Dyadic Adjustment Scale), composta por 32 itens e visando identificar o consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto no casal.

A DAS corresponde a um dos mais importantes instrumentos para a medida da qualidade dos relacionamentos conjugais. Conforme apontam Graham, Liu e Jeziorki (2006), mais de mil estudos sobre comportamento e satisfação conjugal a utilizaram.

É importante ressaltar que Spanier destaca que o ajustamento no casal é um processo em constante movimento, não podendo ser considerado como

algo cristalizado ou estático. O nível de ajustamento conjugal estaria vinculado aos processos conjugais e a comunicação entre os cônjuges. (Spanier e Cole, 1976).

Exatamente em função do movimento que envolve o ajustamento do casal, algumas modificações que ocorreram ao longo da história da humanidade influenciaram o nível de satisfação, aparecendo como fatores que podem favorecer a separação do casal.

Todo casamento é a união de dois indivíduos que levam para ele suas opiniões, peculiaridades e valores. Assim, não é de admirar que, mesmo nos casamentos mais felizes, marido e mulher tenham que enfrentar uma profusão de problemas conjugais. (Gottman e Silver, 2000, p. 133).

Pinsof (2002), destaca que o aumento da expectativa de vida é um desses fatores. Os serviços médicos cada vez mais desenvolvidos, a expectativa de vida mais longa e com maior qualidade geraram um olhar mais crítico sobre o casamento. A perspectiva de viver por longos anos, em um relacionamento infeliz, tornou a opção pela separação cada vez mais freqüente, com os indivíduos buscando, em qualquer faixa etária, novas experiências amorosas.

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho também precisa ser considerado como fator importante para o término de relacionamentos pouco satisfatórios. Ao ter uma maior independência econômica, as mulheres se sentem mais seguras para romper casamentos infelizes.

Segundo Rusbult e Buunk (1993), pesquisas apontam que a separação passa a ser mais provável quando as mulheres possuem condições profissionais, sociais e econômicas próximas as dos homens, além de se afastarem mais freqüentemente de parceiros abusivos quando identificam possibilidades alternativas de melhores condições de vida.

Por fim, a diminuição do estigma que cercava o divórcio também interferiu na possibilidade de separação, pois os indivíduos deixaram de sofrer preconceito social, podendo reconstruir a própria vida amorosa e sexual.

A constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. (Feres-Carneiro, 1998, p. 382).

Em estudo sobre a qualidade do casamento Helms e Buehler (2007), relatam que fatores como dependência excessiva, culpa, críticas e agressões físicas e verbais podem colaborar de forma determinante para o fim do casamento. O bem-estar dos parceiros seria comprometido em função de um significativo aumento do nível de stress e insatisfação conjugal, colaborando para o surgimento de quadros depressivos, resultando freqüentemente em um distanciamento e conseqüente separação entre os parceiros.

2 – Objetivos

2.1 – Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é verificar se existe relação entre as “Histórias de Amor” descritas por Sternberg e a satisfação conjugal.

2.2 - Objetivos específicos

- Identificar quais “Histórias de Amor” representam melhor o relacionamento atual e o ideal;
- Verificar se existem “Histórias de Amor” que podem ser descritas como preditoras da satisfação conjugal;
- Identificar se há relação entre o gênero dos participantes e as escolhas das “Histórias de Amor” com que mais e menos se identificam, gostariam de viver e que representam o relacionamento amoroso atual;
- Verificar se existe relação entre as os escores atribuídos às “Histórias de Amor” como representativas do relacionamento atual com os escores daquelas descritas como ideais;
- Verificar se há relação entre os escores dos membros do casal no que concerne à escolha das “Histórias de Amor” descritas como atuais e ideais;
- Verificar há relação entre os graus de semelhanças na escolha das “Histórias de Amor” dos membros dos casais e seus índices de satisfação conjugal;
- Verificar se as “Histórias de Amor” se agrupam de acordo com a proposta de Sternberg.

3 - Método

3.1 – Tipo de pesquisa

A pesquisa desenvolvida para responder à problemática suscitada foi do tipo *survey*, modelo quantitativo.

3.2 – Definição da amostra

Participaram desta pesquisa 50 casais heterossexuais casados ou unidos consensualmente (N=100), com média de idade de 36,2 anos e média de tempo de relacionamento de 11,3 anos. A média do número de filhos por casal foi de 1,1 filhos.

A amostra foi do tipo não-probabilística intencional, com os participantes sendo selecionados de acordo com a conveniência do pesquisador.

3.3 – Material

Nesta pesquisa foram utilizadas as afirmativas propostas por Sternberg (1998) para descrever as principais “Histórias de Amor”. Estas histórias foram agrupadas por este autor nas seguintes categorias: histórias assimétricas, de objeto, de coordenação, de narração e de gênero. Para medir os graus de satisfação foi utilizada a “Escala de Satisfação Marital” desenvolvida por Spanier (1976).

Esta pesquisa utilizou o auto-relato, através de questionários com perguntas fechadas e de escolha forçada, com os sujeitos da amostra fornecendo informações que não poderiam ser diretamente observadas pelo pesquisador.

Os instrumentos utilizados foram: um inventário do tipo auto-relato das “Histórias de Amor” desenvolvido por Sternberg (1996) e adaptado por Silva e outros. (2005) (Anexo1), e a “Escala de Satisfação Marital” desenvolvida por Spanier (1976) (Anexo 2).

O inventário do tipo auto-relato sobre histórias de amor foi construído especialmente para esta pesquisa a partir dos resultados do estudo desenvolvido por Sternberg (1986). Foram elaborados 26 textos curtos referentes às características de cada tipo das “Histórias de Amor”: Professor-Aluno, Sacrifício, Vício, Arte, Negócios, Coleção, Livro de Receitas, Fantasia, Jogo, Jardinagem, Governo, História, Horror, Casa e Comida, Humor, Mistério, Polícia, Pornografia, Recuperação, Religião, Ciência, Ficção Científica, Costurar e Tricotar, Teatro, Viagem e Guerra. Após cada texto foi incluída uma escala do tipo Lickert com sete opções de resposta, cuja gradação ia de -3 (discordo totalmente) a +3 (concordo totalmente).

Foram apresentados dois inventários com a solicitação de que fossem indicadas as histórias que melhor descrevessem: (1) o relacionamento amoroso atual e (2) as histórias que mais gostariam de viver. Também foram formuladas duas questões, uma que solicitava a indicação da história com que os participantes mais se identificavam e outra que solicitava a história com que menos se identificavam.

3.4 – Procedimento

Inicialmente procedeu-se um estudo preliminar (relatado em Silva e outros, 2005) com 76 estudantes universitários, 38 homens e 38 mulheres, com média de

idade de 28,4 anos cuja seleção foi feita de maneira oportunística (alunos dos experimentadores). Este estudo objetivou verificar se as “Histórias de Amor” descritas por Sternberg (1996) seriam úteis para a identificação das histórias de amor que os sujeitos mais e menos se identificavam, para descrever os relacionamentos amorosos atuais e para identificar as histórias que mais desejavam viver (Anexo 3).

Tendo por base os materiais e o método de pesquisa apurados neste estudo preliminar, elaborou-se o instrumento definitivo desta pesquisa. (Anexo 4).

Os questionários definitivos foram individualmente aplicados, de tal forma que um cônjuge não tinha acesso às respostas do outro. Para garantir o sigilo dos questionários, os participantes adotaram um código que foi assinalado em cada questionário, possibilitando assim o cruzamento dos dados dos casais. Foi esclarecido aos participantes que o presente trabalho tratava-se de uma pesquisa de doutorado, reassegurado o sigilo das suas respostas individuais e solicitado o preenchimento do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo 5).

4 - Apresentação e Discussão dos Resultados

A Tabela 1 apresenta as médias dos valores atribuídos às histórias de amor como representativas dos relacionamentos atuais e ideais. Conforme pode ser observado nesta tabela, as histórias que apresentam maiores escores, tanto para descrever o relacionamento atual quanto o considerado ideal foram Viagem, Jardinagem, Costurar e Tricotar, Casa e Comida e História.

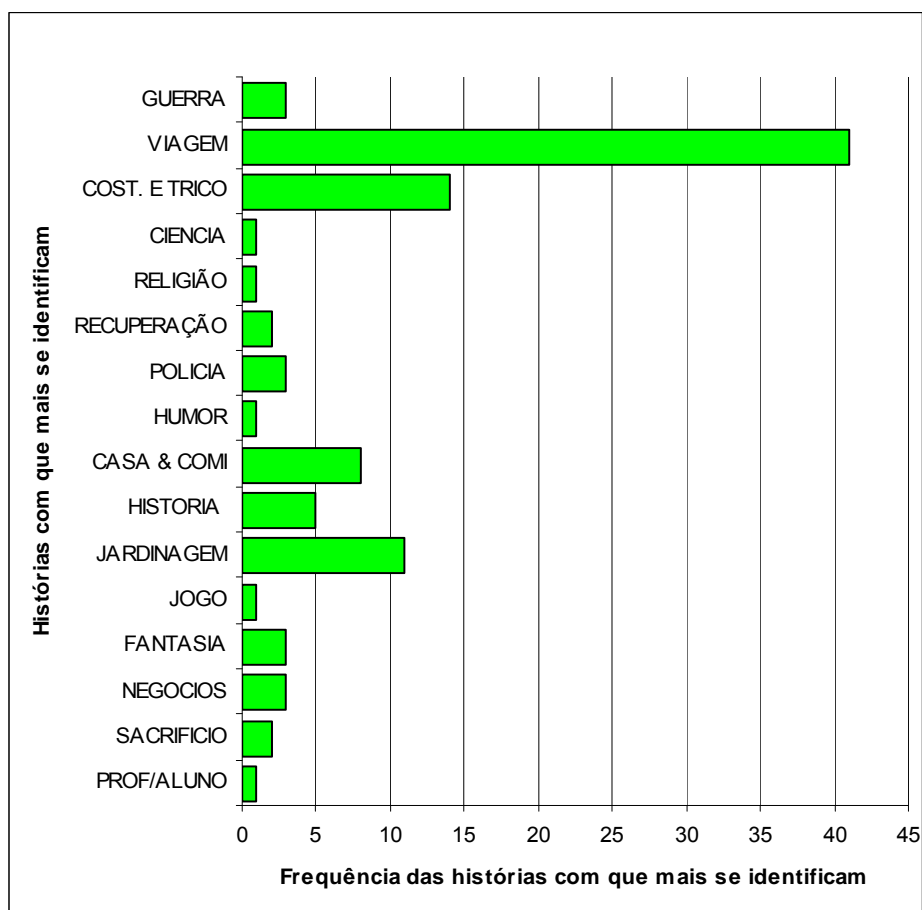
Tabela 1 – Médias das “Histórias de Amor” que mais identificam o relacionamento atual e o relacionamento ideal.

Histórias	Relacionamento Atual	Relacionamento Ideal
Viagem	6,30	6,52
Jardinagem	5,94	6,41
Costurar e Tricotar	5,55	5,73
Casa e Comida	5,23	5,41
História	5,03	4,95
Ciência	4,77	4,39
Fantasia	4,48	4,87
Negócios	4,38	4,26
Sacrifício	4,13	3,79
Recuperação	4,12	4,09
Guerra	3,63	3,48
Livro de Receitas	3,54	3,69
Jogo	3,13	3,26
Vício	3,11	3,04
Professor-Aluno	3,03	3,33
Arte	3,04	3,10
Polícia	3,0	2,80
Pornografia	2,97	3,01
Humor	2,91	3,0
Governo	2,69	2,82
Mistério	2,54	2,61
Religião	2,52	2,68
Teatro	2,48	1,90
Ficção Científica	2,23	2,15
Horror	1,78	1,64
Coleção	1,5	1,82

Sternberg (1998) aponta que algumas histórias possuem maior potencial de sucesso para o relacionamento amoroso do que outras. Entretanto este potencial depende de fatores individuais, da situação e da cultura na qual o indivíduo e suas histórias estão inseridos.

As histórias com que os participantes da pesquisa mais se identificam são apresentadas na Figura 1 e foram as seguintes: Viagem, Costurar e Tricotar, Jardinagem, Casa e Comida e História.

Figura 1 – Histórias com que os participantes mais se identificam.



As histórias Viagem, Costurar e Tricotar e Jardinagem apresentam enredos nos quais o relacionamento é considerado como positivo, dinâmico e passível de coordenação pelos cônjuges. Nas três histórias com que os participantes mais se identificaram, percebe-se a idéia de que é necessário em um relacionamento amoroso o cuidado com o parceiro e com a própria relação.

A história Casa e Comida também apresenta um enredo positivo sobre o relacionamento, além de considerar que o lar, enquanto espaço físico e também simbólico, é elemento constituinte da relação, sendo então merecedor de cuidados freqüentes, o que auxilia a manutenção do relacionamento amoroso. Novamente podemos considerar a importância do acordo entre os cônjuges no que concerne ao próprio relacionamento, visto que esse cuidado com o lar precisa ser compartilhado por ambos.

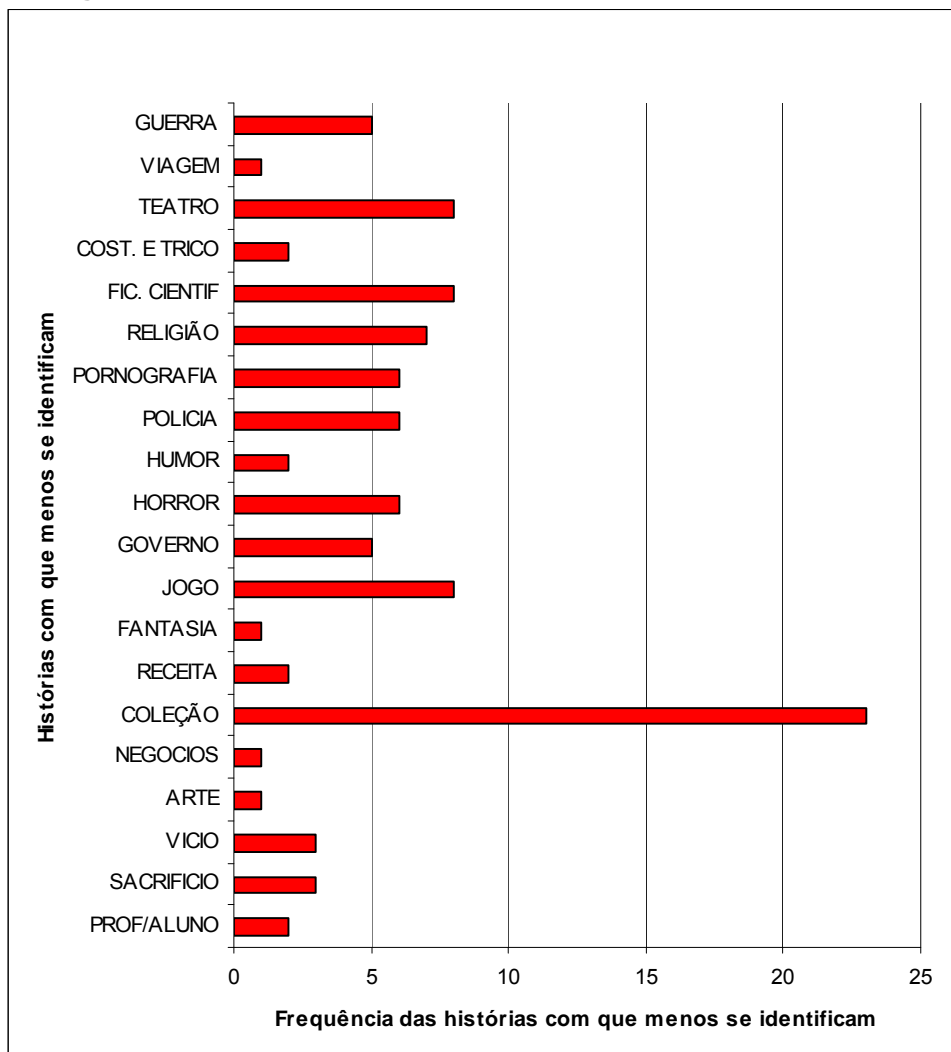
A história do tipo História também foi uma das com que os participantes mais se identificam. Seu enredo considera a relação como resultante de um processo de construção contínuo, no qual os momentos felizes experimentados no passado são permanentemente recordados e trazidos também para o presente. Podemos considerar que este movimento de permanente recordação acaba por favorecer a valorização dos momentos positivos do relacionamento, fato que, de alguma forma, pode colaborar para a manutenção e satisfação dos cônjuges.

Silva e outros (2005), obtiveram resultados bastante semelhantes aos verificados aqui: as histórias Viagem, Costurar e Tricotar e Jogo foram eleitas como aquelas com que os participantes mais se identificavam. Apesar de em nossa pesquisa a história Jogo não ter sido eleita como uma das histórias com

que os participantes mais se identificavam, podemos considerar que essa história também obteve uma boa pontuação não sendo, portanto, totalmente rejeitada em nossa amostra.

As histórias com que os participantes da pesquisa menos se identificavam podem ser identificadas na figura 2, e foram: Coleção, Teatro, Jogo, Ficção-Científica e Religião.

Figura 2 - Histórias com que os participantes menos se identificam.



As histórias Coleção, Ficção-Científica, Jogo e Religião apresentam enredos que consideram o parceiro como um objeto dentro da própria relação, sugerindo a possibilidade de múltiplos parceiros, incompreensão, desconhecimento do outro, disputas entre os parceiros e comportamentos obsessivos. A possibilidade de encenar diferentes papéis na relação também é apontada pela presença da história Teatro, que sugere a necessidade de uma representação previamente definida na relação. Tais comportamentos podem ser identificados como muitos daqueles comportamentos que são socialmente rejeitados, o que reforça a idéia da existência de modelos previamente definidos sobre como deve ser a melhor forma de se portar em um relacionamento amoroso.

É importante considerarmos que a história Jogo, que aparece como uma daquelas com que os participantes menos se identificam, foi apontada na pesquisa de Silva e outros (2005) como uma daquelas com que os participantes mais se identificavam. Um fator que pode justificar esta discrepância é que nossa pesquisa foi realizada exclusivamente com indivíduos casados ou unidos consensualmente, enquanto que a referida pesquisa teve sua amostra composta por indivíduos casados ou não. Tal constatação pode sugerir que indivíduos em um relacionamento estável não valorizam a disputa ou a competição dentro do relacionamento, enquanto que indivíduos solteiros podem considerar tais comportamentos interessantes ou mesmo excitantes para o estabelecimento de um relacionamento amoroso.

Em seu estudo, Silva e outros (2005) verificaram que as histórias que os participantes menos se identificavam foram: Vício, Religião, Coleção, Ficção-Científica e Guerra. Novamente observamos a concordância entre as histórias Religião, Coleção e Ficção-Científica como aquelas com que os pesquisados menos se identificam. As histórias Vício e Guerra também apresentam enredos que sugerem comportamentos obsessivos e hostis, o que reforça a hipótese de que existem comportamentos que são culturalmente mais rejeitados, tanto por homens quanto por mulheres.

Foram efetuadas análises através da correlação de *Pearson* objetivando a verificação da ocorrência de relações estatisticamente significativas entre as histórias definidas como atuais e ideais pelos participantes da pesquisa.

A análise dos dados mostrou haver relação estatisticamente significativa entre a identificação da história Casa e Comida como história atual e as histórias Casa e Comida e Negócios consideradas como ideais (0,76 e 0,30 respectivamente; 98 gl respectivamente; $p < 0,05$). Conforme pode ser observado, a história Casa e Comida apresenta moderada correlação quando relacionada com ela mesma para descrever o relacionamento atual e o ideal. Da mesma maneira, foi verificada uma correlação fraca, mas estatisticamente significativa, quando a história Casa e Comida é definida como atual e Negócios como história ideal. Sternberg (1998), ao descrever a história Casa e Comida enfatiza que a sociedade frequentemente valoriza a importância atribuída aos bens materiais como indicadores do sucesso pessoal, reforçando a possibilidade de que os indivíduos também permaneçam nos

relacionamentos amorosos em função da manutenção da casa e do conforto. Da mesma forma, identifica na história Negócios a busca do sucesso profissional e financeiro.

É possível, então, interpretar que tal resultado corrobora a hipótese de que algumas histórias podem ser consideradas mais complementares entre si do que outras. Neste caso, ambas histórias possuem características que sugerem a importância do cuidado com o lar e a negociação, o que implica na possibilidade de que relacionamentos atuais, para também serem considerados ideais, necessitam de concordância e negociação entre os cônjuges.

Ao ser descrita como atual, a história Professor-Aluno apresentou relação estatisticamente significativa com as histórias Professor-Aluno, Sacrifício e Recuperação ao serem descritas como ideais (0,60, 0,30 e 0,26 respectivamente; 98 gl respectivamente; $p < 0,05$). Novamente podemos identificar que a história considerada atual correlaciona-se com histórias cujos enredos sugerem a complementaridade de papéis. O enredo da história Professor-Aluno pressupõe a existência de diferenças entre os parceiros, com um deles assumindo o lugar de orientação ou ensino e o outro o de submissão ou aprendizagem. As histórias Sacrifício e Recuperação apresentam enredos nos quais um dos parceiros cuida, sacrifica-se e orienta o parceiro, enquanto que o outro recebe os necessários cuidados. Tal situação acaba por adequar-se satisfatoriamente a posições assimétricas dentro do relacionamento conjugal, especialmente pelo fato de que para um dos parceiros assumir o

cuidado com o outro, é necessário que esse outro queira também ser cuidado por alguém.

A história Sacrifício, quando descrita como atual, apresentou relação estatisticamente significativa para as histórias Recuperação, Vício e Guerra quando consideradas ideais (0,40, 0,45 e 0,47, respectivamente; com 98 gl respectivamente; $p < 0,05$). Curiosamente, a história Sacrifício, ao ser descrita como atual, não co-relacionou-se com ela mesmo quando descrita como ideal. Talvez isso possa ser justificado pelo fato de que para um dos parceiros considerar-se em sacrifício, seja necessário que o outro não se sacrifique, mas sim, receba os benefícios desse sacrifício, visto que o enredo da história contém a idéia de que exista uma desigualdade na relação. Conforme aponta Sternberg (1998), o sucesso da história depende do quanto o indivíduo acredita nela. Desta forma, histórias que apresentam enredos que contemplem situações nas quais um dos parceiros precisa ser salvo, com comportamentos obsessivos e até mesmo guerreando pelo próprio relacionamento, podem assumir papéis complementares bastante satisfatórios quando relacionados com um enredo que envolva a presença do sacrifício.

A situação anteriormente mencionada também pode ser considerada ao identificarmos que ao ser descrita como atual, a história Recuperação apresentou relação estatisticamente significativa quando as histórias Recuperação e Guerra foram descritas como ideais (0,65 e 0,33, respectivamente, 98 gl respectivamente; $p < 0,05$).

A história Viagem apresentou relação estatisticamente significativa quando descrita como atual e a história Jardinagem descrita como ideal (0,38; 98 gl;

$p < 0,05$). As histórias Viagem e Jardinagem foram apontadas pelos participantes da pesquisa como as que mais representavam o relacionamento atual e ideal, sendo a história Viagem também eleita àquela com que mais se identificavam. Esta fraca correlação obtida entre as histórias descritas como atuais e ideais para o relacionamento pode reforçar a discrepância entre os relacionamentos vividos pelos participantes da pesquisa e os relacionamentos que eles efetivamente gostariam de viver. Silva e outros (2005), obtiveram resultados semelhantes, identificando que as “histórias de amor” que os indivíduos estão vivendo nos seus relacionamentos atuais estão correlacionadas apenas moderadamente com as histórias que eles consideram ideais.

A história Negócios quando descrita como atual e ideal (0,63; 98 gl; $p < 0,05$), apresentou moderada correlação. Pode ser interessante considerarmos que um negócio implica, necessariamente em duas partes. Em função disso podemos compreender o fato de que a história Negócios, para possuir um tipo de história complementar, necessite do mesmo enredo, ou seja, de uma outra história cujo enredo também seja o de Negócios.

A história Costurar e Tricotar, descrita como atual, apresentou, apesar de baixa, relação estatisticamente significativa com a história Ciência, quando descrita como ideal (0,27; 98 gl; $p < 0,05$). Talvez esta relação possa ser justificada pelo fato de ambos os enredos apontarem para a possibilidade de fazer e refazer o relacionamento, ao identificar necessidade de ajustes e acertos na relação conjugal. Apesar do enredo da história Ciência considerar a possibilidade da existência de uma forma correta de se portar na relação

amorosa, tal qual um experimento científico, não podemos deixar de considerar que todo e qualquer experimento precisa ser feito e refeito várias vezes, assim como o processo de Costurar e Tricotar.

Ao ser descrita como atual, a história Vício foi a que apresentou maior número de correlações com histórias descritas como ideais: Vício, Fantasia, Livro de Receitas e Guerra (0,61, 0,36, 0,31 e 0,33 respectivamente; 98 gls respectivamente e $p < 0,05$ em todos os casos). Talvez essa grande quantidade de correlações possa ser justificada pelo fato de que uma das características das histórias de Vício seja um tipo de comportamento e pensamento quase que obsessivo, tanto em relação ao parceiro quanto em relação ao próprio relacionamento. Este caráter obsessivo também poderia ser percebido tanto nas histórias de Fantasia, onde existe um pensar permanente sobre um parceiro que irá preencher todas as necessidades, quanto às histórias de Livro de Receitas, nas quais segue-se um padrão rígido e pré-definido e nas histórias de Guerra, onde pode ocorrer um permanente combate entre os parceiros.

As histórias Ciência, História e Livro de Receitas, quando descritas como atuais, relacionaram-se estatisticamente com elas mesmas, quando descritas como ideais (0,52, 0,62 e 0,57 respectivamente; 98 gl respectivamente; $p < 0,05$). Tais correlações talvez possam ser explicadas a partir da idéia de que tais histórias envolvem enredos que contém um caráter narrativo, quase como se existisse um roteiro que deveria ser seguido conjuntamente na relação conjugal. As histórias Ciência e Livro de Receitas pressupõem a existência de um modelo pré-definido a ser seguido, enquanto

que a história do tipo História considera a recordação e concordância sobre os fatos vivenciados conjuntamente no passado como fundamental para a relação conjugal.

4. 1 - Histórias de amor e satisfação conjugal

Conforme Norgren e outros (2004), a satisfação conjugal corresponde a um conceito subjetivo, que implica tanto na satisfação das próprias necessidades e desejos, quanto na congruência existente entre as expectativas do casal e a realidade vivenciada na relação.

Segundo Wachelke e outros (2004), a satisfação nos relacionamentos conjugais pode ser mensurada de diferentes formas, entretanto a Escala de Ajustamento Diádico (DAS) engloba tanto avaliações gerais quanto aspectos distintos do relacionamento, possibilitando o alcance da satisfação conjugal geral.

A correlação de *Pearson* foi utilizada com o objetivo de verificar se existem “histórias de amor” atuais e ideais que podem ser mais ou menos preditoras da satisfação conjugal. Para isto foram calculadas as correlações entre as histórias descritas como atuais e ideais e a Escala de Ajustamento Diádico (DAS) proposta por Spanier (1976). Os resultados destas análises são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2 – Correlação de *Pearson* entre os escores das histórias atuais e ideais para homens e mulheres e a Escala de Ajustamento Diádico.

Histórias Atuais e Ideais	Correlação	ρ
H2OFCIE	-,21(*)	$\rho < 0,05$
H2NHIHIST	,22(*)	$\rho < 0,05$
H2GGUER	-,23(*)	$\rho < 0,05$
H1ORECU	-,24(*)	$\rho < 0,05$
H2AGOV	-,25 (*)	$\rho < 0,05$
H2CVIAG	,27 (**)	$\rho < 0,01$
H1CCTRI	,29 (**)	$\rho < 0,01$
H1AHORR	-,29 (**)	$\rho < 0,01$
H1CVIAG	,30(**)	$\rho < 0,01$
H2CCTRI	,30 (**)	$\rho < 0,01$
H1OFCIE	-,31(**)	$\rho < 0,01$
H2AHORR	-,31(**)	$\rho < 0,01$
H1GTEAT	-,32 (**)	$\rho < 0,01$
H1GMIST	-,37 (**)	$\rho < 0,01$
H2GMIST	-,40(**)	$\rho < 0,01$
H2GTEAT	-,46 (**)	$\rho < 0,01$

Tabela 2 – Histórias Atuais: H1ORECU (Recuperação), H1CCTRI (Costurar e Tricotar), H1AHORR (Horror), H1CVIAG (Viagem), H1OFCIE (Ficção-Científica), H1GTEAT (Teatro), H1GMIST (Mistério); Histórias Ideais: H2OFCIE (Ficção-Científica), H2NHIHIST (História), H2GGUER (Guerra), H2AGOV (Governos), H2CVIAG (Viagem), H2CCTRI (Costurar e Tricotar), H2AHORR (Horror), H2GMIST (Mistério) e H2GTEAT (Teatro). (*) $p < 0,05$; (**) $p < 0,01$.

Quando analisados conjuntamente, os dados fornecidos por homens e mulheres apontaram as histórias Mistério (-0,37; 98gl; $p < 0,01$), Teatro (-0,32; 98 gl; $p < 0,01$), Ficção-Científica (-0,31; 98 gl; $p < 0,01$), Horror (-0,29; 98 gl; $p < 0,01$) e Recuperação (-0,24; 98 gl; $p < 0,05$) como aquelas histórias atuais que poderiam ser consideradas preditoras negativas da satisfação conjugal. É importante destacarmos que as histórias Teatro e Ficção-Científica também foram eleitas como algumas das quais os participantes menos se identificavam.

As histórias Costurar e Tricotar (0,29; 98 gl; $p < 0,01$) e Viagem (0,30; 98 gl; $p < 0,01$) foram identificadas, apesar da baixa correlação, como aquelas

histórias atuais preditoras positivas da satisfação conjugal. É interessante destacarmos que a história Viagem foi identificada como mais representativa dos relacionamentos atuais e ideais, e também aquela com que os participantes mais se identificavam. A história Costurar e Tricotar também aparece como história representativa para relacionamentos atuais, ideais e com que mais homens e mulheres se identificam.

Quando consideradas as histórias ideais e o nível de satisfação conjugal, os homens e mulheres pesquisados consideraram as histórias Teatro (-0,46; 98 gl; $p < 0,01$), Mistério (-0,40; 98 gl; $p < 0,01$), Horror (-0,31; 98 gl; $p < 0,01$), Governo (-0,25; 98 gl; $p < 0,05$); Guerra (-0,23; 98 gl; $p < 0,05$), e Ficção-Científica (-0,21; 98 gl; $p < 0,05$) como histórias preditoras negativas da satisfação conjugal.

Em termos de histórias ideais que poderiam ser preditoras positivas da satisfação conjugal, História (0,22; 98 gl; $p < 0,05$), Viagem (0,27; 98 gl; $p < 0,01$) e Costurar e Tricotar (0,30; 98 gl; $p < 0,01$) foram as que apresentaram, mesmo que fracas, correlações significativas no que tange a seu poder de satisfação.

É importante ressaltarmos o fato de que as histórias Teatro, Mistério, Horror e Ficção-Científica apresentaram correlações negativas com a satisfação conjugal tanto nos relacionamentos atuais quanto nos ideais.

No que tange as histórias atuais e ideais com maior poder de predição positiva para a satisfação conjugal, novamente encontramos as histórias Viagem e Costurar e Tricotar, que apresentaram graus de correlação estatisticamente semelhantes com esta satisfação. Norgren e outros (2004), ao efetuarem estudo sobre a satisfação conjugal em casamentos de longa

duração, no qual também utilizaram a Escala de Ajustamento Diádico (DAS), identificaram que a satisfação conjugal aumenta quando no relacionamento existe um bom grau de proximidade e são usadas estratégias adequadas para resolução de conflitos, coesão, comunicação e satisfação econômica e religiosa.

Ao desenvolver um estudo sobre o sucesso e o fracasso conjugal, Dela Coleta (1991) identificou que a compreensão e o diálogo seriam os principais responsáveis pelo sucesso conjugal, enquanto que as discussões e brigas seriam os principais motivos que levariam ao fracasso conjugal.

No presente estudo, quando analisadas separadamente, na amostra masculina, só foi verificada uma correlação significativa (tabela 3) entre as histórias de amor e as medidas da satisfação. Esta correlação (fraca e negativa) foi observada para a história Ficção – Científica, que apresenta, (-0,25; 48 gl; $p < 0,05$).

Tabela 3- Correlação de *Pearson* entre as histórias atuais e ideais e a Escala de Ajustamento Diádico para a amostra masculina.

Histórias Atuais e Ideais	Correlação	ρ
H2OFCIE	-,25(*)	$\rho < 0,05$
H1CCTRI	,25(*)	$\rho < 0,05$
H1GMIST	-,27(*)	$\rho < 0,05$
H1AHORR	-,31 (*)	$\rho < 0,05$
H1GTEAT	-,32(*)	$\rho < 0,05$
H1CVIAG	,37(**)	$\rho < 0,01$
H1APORN	-,37 (**)	$\rho < 0,01$
H1CJARD	,38 (**)	$\rho < 0,01$

Tabela 3 – Histórias Atuais: H1CCTRI (Costurar e Tricotar), H1GMIST (Mistério), H1AHORR (Horror), H1GTEAT (Teatro), H1CVIAG (Viagem), H1APORN (Pornografia), H1CJARD (Jardinagem). Histórias Ideais: H2OFCIE (Ficção-Científica). (*) $P < 0,05$; (**) $P < 0,01$.

Em relação às histórias atuais, foi identificado na amostra masculina que as histórias Pornografia (-0,37; 48 gl; $p < 0,01$), Horror (-0,31; 48 gl; $p < 0,05$), Teatro (-0,32; 48 gl; $p < 0,05$) e Mistério (-0,27; 48 gl; $p < 0,05$) se apresentam como preditoras negativas da satisfação conjugal.

As histórias Costurar e Tricotar (0,25; 48 gl; $p < 0,05$), Viagem (0,37; 48 gl; $p < 0,01$) e Jardinagem (0,38; 48 gl; $p < 0,01$) apresentam correlação significativa com a satisfação conjugal, o que reforça seus poderes de prever positivamente a satisfação conjugal.

Para a amostra feminina, não foram identificadas correlações significativas das histórias ideais com a satisfação conjugal. (Tabela 4).

Tabela 4 - Correlação de *Pearson* entre as histórias atuais e ideais para a amostra feminina e a Escala de Ajustamento Diádico.

Histórias Atuais e Ideais	Correlação	ρ
H2ORELG	,241(*)	$\rho < 0,05$
H1GGUER	-,283(*)	$\rho < 0,05$
H1AHORR	-,28 (*)	$\rho < 0,05$
H1AGOV	-,32(*)	$\rho < 0,05$
H1CCTRI	,33(**)	$\rho < 0,01$
H1GTEAT	-,34(**)	$\rho < 0,01$
H1GMIST	-,45(**)	$\rho < 0,01$

Tabela 4 – Histórias Atuais: H1GGUER (Guerra), H1AHORR (Horror), H1AGOV (Governo), H1CCTRI (Costurar e Tricotar), H1GTEAT (Teatro) e H1GMIST (Mistério). Histórias Ideais: H2ORELG(Religião). (*) $P < 0,05$; (**) $P < 0,01$.

As histórias atuais Mistério (-0,45; 48 gl; $p < 0,01$), Teatro (-0,34; 48 gl; $p < 0,01$), Governo (-0,32; 48 gl; $p < 0,05$) e Horror (-0,28; 48 gl; $p < 0,05$) apresentaram correlações estatisticamente significativas com a satisfação conjugal. Já a história Costurar e Tricotar foi à única que apresentou correlação

estatisticamente significativa (0,33; 48 gl; $p < 0,01$), apesar de fraca, com a satisfação conjugal.

4.2 - Semelhanças entre as histórias atuais e ideais dos cônjuges

Para verificar se são encontradas semelhanças entre os cônjuges no que concerne à escolha das “Histórias de Amor” identificadas como atuais e ideais foi utilizado o software Prisma 4.

Em relação às histórias identificadas como atuais, podemos perceber que existe uma correlação estatisticamente significativa entre os escores dos cônjuges para as histórias Jogo (0,31; 98 gl; $p < 0,05$), Casa e Comida (0,31; 98 gl; $p < 0,05$), Sacrifício (0,34; 98 gl; $p < 0,05$), Pornografia (0,37; 98 gl; $p < 0,01$), Guerra (0,37; 98 gl; $p < 0,01$), Humor (0,39; 98 gl; $p < 0,01$), Professor-Aluno (0,41; 98 gl; $p < 0,01$), Negócios (0,42; 98 gl; $p < 0,01$) e Vício (0,44; 98 gl; $p < 0,01$). (Tabela 5).

Tabela 5 –Histórias de Amor atuais e semelhanças entre os cônjuges.

Histórias Atuais	Correlação	ρ
Jogo	0,31(*)	$\rho < 0,05$
Casa e Comida	0,31(*)	$\rho < 0,05$
Sacrifício	0,34(*)	$\rho < 0,05$
Pornografia	0,37(**)	$\rho < 0,01$
Guerra	0,37(**)	$\rho < 0,01$
Humor	0,39(**)	$\rho < 0,01$
Professor-Aluno	0,41(**)	$\rho < 0,01$
Negocios	0,42(**)	$\rho < 0,01$
Vício	0,44(**)	$\rho < 0,01$

Tabela 5 – (*) $P < 0,05$; (**) $P < 0,01$.

Tais resultados tendem a reforçar as conclusões mencionadas anteriormente, especialmente no que concerne às histórias identificadas como

representativas dos relacionamentos com que os participantes menos se identificaram (Jogo) ou que possuem força para prever negativamente a satisfação conjugal (Pornografia e Guerra). Estes resultados sugerem a hipótese de que os casais concordam em grande parte em relação a enredos que podem ser entendidos como negativos para o relacionamento.

A história Casa e Comida é a única história dentre aquelas que os participantes mais se identificavam cujos escores dos membros de cada casal apresentam correlação estatisticamente significativa entre si.

Em relação às histórias identificadas como ideais foram verificadas relações estatisticamente significativas entre os membros de cada casal para as histórias Pornografia (0,30; 98 gl; $p < 0,05$), Jogo (0,31; 98 gl; $p < 0,05$), Casa e Comida (0,31; 98 gl; $p < 0,05$), Governo (0,33; 98 gl; $p < 0,05$), Professor-Aluno (0,34; 98 gl; $p < 0,01$), Guerra (0,40; 98 gl; $p < 0,01$), Jardinagem (0,41; 98 gl; $p < 0,01$), Horror (0,45; 98 gl; $p < 0,01$) e Vício (0,47; 98 gl; $p < 0,01$). (Tabela 6).

Tabela 6– Histórias de amor ideais e semelhança entre os cônjuges.

Histórias Ideais	Correlação	ρ
Pornografia	0,30(*)	$\rho < 0,05$
Jogo	0,31(*)	$\rho < 0,05$
Casa e Comida	0,31(*)	$\rho < 0,05$
Governo	0,33(*)	$\rho < 0,05$
Professor-Aluno	0,34(**)	$\rho < 0,01$
Guerra	0,40(**)	$\rho < 0,01$
Jardinagem	0,41(***)	$\rho < 0,001$
Horror	0,45(***)	$\rho < 0,001$
Vício	0,47(***)	$\rho < 0,001$

Tabela 6 – (*) $P < 0,05$; (**) $P < 0,01$. (***) $P < 0,001$

Novamente foram constatadas relações estatisticamente significativas entre os escores dos membros dos casais participantes no que concerne às

histórias ideais, especialmente entre àquelas que anteriormente foram mais rejeitadas pelos participantes da pesquisa. A história Jogo faz parte, novamente, deste grupo, assim como um rol ainda maior de histórias que anteriormente foram identificadas como preditoras negativas da satisfação conjugal: Pornografia, Governo, Guerra e Horror.

Dentre as histórias identificadas como preditoras positivas da satisfação conjugal, novamente as histórias Casa e Comida e Jardinagem apresentaram relações estatisticamente significativas.

Neste momento é importante considerarmos que as semelhanças nos escores dos cônjuges, tanto nas histórias que consideram atuais quanto naquelas identificadas como ideais, não representa a concordância ou não com as mesmas, mas sim o quanto o casal concorda ao aceitá-las ou rejeitá-las como descritivas de seus relacionamentos atuais ou ideais.

Os resultados até agora apresentados corroboram a idéia apresentada por Sternberg (1996; 1998) de que fatores culturais também interferem na construção das “Histórias de Amor”. Segundo o autor, as histórias construídas são moldadas pela interação das experiências vivenciadas e da cultura, podendo ocorrer uma adequação do indivíduo àquilo que é socialmente esperado dele.

4.3 – Histórias atuais e ideais e satisfação conjugal

Foi utilizada a correlação de Pearson para verificar se há relação entre os escores dos casais nas histórias atuais e ideais e os graus de satisfação conjugal.

A correlação entre os escores dos membros dos casais nas histórias atuais e seu escore de satisfação conjugal não apresentou relação estatisticamente significativa (-0,21; 48 gl; $p > 0,05$). Também não foi identificada relação estatisticamente significativa entre os escores do casal para as histórias ideais e o nível de satisfação conjugal (-0,20; 48 gl; $p > 0,005$).

Uma hipótese que pode justificar esse resultado é a de que as pessoas talvez possuam histórias ideais diferentes daquelas que vivenciam, entretanto isso não interferiria em seus níveis de satisfação conjugal, visto que existe uma tendência em considerar as histórias que estão sendo vivenciadas de uma forma idealizada, o que aumentaria o nível de satisfação conjugal.

Uma outra justificativa para a não identificação de relações estatisticamente significativas entre as histórias atuais e ideais e a satisfação conjugal entre é apresentada por Sternberg (1996), que afirma que com o passar do tempo, as histórias atuais vivenciadas pelos indivíduos tendem a se tornarem menos congruentes com as histórias ideais. Segundo essa perspectiva, os indivíduos tenderiam a satisfazer-se com a história que vivenciam, afastando-se cada vez mais – especialmente se considerarmos que a amostra deste estudo é composta exclusivamente por casais – daquela história que, mesmo que idealizada não corresponderia a sua realidade amorosa e conjugal. Sternberg e Barnes (1985) sugerem também que relacionamentos que apresentam um maior percentual de sucesso e satisfação são aqueles onde os parceiros percebem e valorizam os sentimentos uns dos outros.

Barbach e Geisinger (1998) afirmam que o que determina o sucesso de uma relação conjugal não são as semelhanças ou diferenças entre os cônjuges, e sim a maneira pela qual lidam e compreendem as diferenças. Gottman e Silver (2001), concordam com essa proposta, afirmando que um casamento duradouro é resultado da capacidade apresentada pelos cônjuges em administrar e solucionar os conflitos que surgem naturalmente.

Segundo Masuda (2003), a satisfação amorosa é um dos fatores mais determinantes para a estabilidade dos relacionamentos conjugais. Norgren e outros (2004) afirmam que homens e mulheres relataram ser o amor o motivo principal para que mantivessem os relacionamentos conjugais, destacando a preocupação e desejo de manterem relações duradouras, mas principalmente, satisfatórias.

A média do nível de satisfação conjugal de homens e mulheres é apresentada na tabela 7. Conforme podemos observar, homens e mulheres apresentam-se bastante próximos no que concerne ao nível de satisfação em seus relacionamentos conjugais, o que pode indicar que os casais componentes desta pesquisa encontram-se satisfeitos em seus relacionamentos conjugais.

Tabela 7– Média da satisfação conjugal de homens e mulheres.

Sexo	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação	gl
Masculino	111,24	16,42	14,76%	48
Feminino	111,78	18,98	16,98%	48

Um dos fatores que pode justificar esse resultado foi identificado por Burr, Hill, Nye e Reiss (1979), apud Mosmann (2006). Segundo esses autores, os indivíduos possuiriam uma representação do papel social que desempenham no relacionamento conjugal. Desta forma, sua satisfação conjugal estaria vinculada à avaliação que constroem sobre a adequação ao papel que desempenham na relação. Considerando este posicionamento, os indivíduos que acreditam que estão desempenhando bem suas representações sobre ser esposo ou esposa, tenderiam também a apresentarem-se satisfeitos na relação conjugal.

Hendrick (1981) relata que atitudes semelhantes entre os cônjuges podem ser consideradas fatores preditores da satisfação conjugal.

A correlação de *Spearman* foi empregada para verificar a ocorrência de relação entre os graus de satisfação conjugal dos membros de cada um dos casais. A correlação mostrou um resultado altamente significativo ($r = 0,60$; 48 gl; $p < 0,0001$), reforçando o fato de que os graus de satisfação de cada membro do casal tendem a ser semelhantes ao do seu cônjuge.

Conforme Norgren e outros (2004, p. 583):

(...) o casamento pode ser uma construção conjunta da realidade, uma opção viável de relacionamento que corresponda às expectativas de cada um dos parceiros, se cada um deles se comprometer com sua escolha e acreditar no que está fazendo. Pelo visto, para que um relacionamento conjugal continue satisfatório ao longo dos anos, há necessidade de investir na relação, empenhando-se para que ela seja proveitosa para os dois, tentando encontrar equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, partilhando interesses e relacionamento afetivo sexual, buscando evitar o tédio e a repetição.

Mosmann (2006) ressalta que a avaliação feita pelo casal sobre seu relacionamento não é estática, sendo um processo dinâmico e interativo resultante da avaliação que cada um tem sobre o nível de qualidade experimentada na relação. Tal afirmativa ressalta a importância dos dados levantados, visto que as avaliações foram consideradas a partir dos dados de cada casal, e não considerando apenas a avaliação individual de cada um dos cônjuges. Para Meeks, Hendrick e Hendrick (1998), o amor, a comunicação e a capacidade de perceber e compreender o cônjuge seriam fatores capazes de favorecer a satisfação no relacionamento conjugal.

4.4 – Histórias de amor atuais e ideais e análise fatorial confirmatória

A teoria proposta por R. Sternberg (1996, 1998) aponta para o fato de que as “Histórias de Amor” se agrupam de acordo com determinadas categorias, em função das características que elas compartilham. Ao desenvolver seu estudo, este autor identificou a presença de 5 grupos principais, elencados de acordo com os principais enredos das histórias – Assimétricas, Objeto, Coordenação, Narração e Gênero – nos quais as 26 “Histórias de Amor” se agrupariam.

No presente estudo foi realizada uma análise fatorial através do software SPSS para verificar se tais histórias realmente se agrupam tal como foi proposto por Sternberg. Esta análise mostrou agrupamentos das histórias diferentes daqueles que foram elencados por Sternberg.

No presente estudo a análise fatorial dos escores das “Histórias de Amor” atuais mostrou os seguintes agrupamentos e respectivas histórias componentes: Fator 1: Professor-Aluno, Sacrifício, Polícia, Pornografia, Horror,

Arte, Recuperação, Religião, Negócios, Vício, Fantasia, Livro de Receitas e Guerra; Fator 2: Viagem, Teatro e Mistério; Fator 3: Casa e Comida e Humor; Fator 4: Jardinagem; Fator 6: Ficção-Científica e Coleção; Fator 8: Governo e Ciência; Fator 9: Costurar e Tricotar e Fator 10: História e Jogo (Tabela 8).

Tabela 8 – Análise fatorial das histórias de amor atuais.

Histórias	Fatores									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
H1APA	0,473	-0,087	-0,177	-0,373	0,324	0,020	-0,389	0,200	-0,075	-0,195
H1ASAC	0,649	0,254	-0,255	-0,236	0,035	-0,079	-0,046	0,225	0,056	0,271
H1AGOV	0,444	0,132	-0,271	0,063	0,358	0,078	0,090	-0,478	-0,008	0,007
H1APOL	0,394	0,007	0,376	-0,082	-0,287	0,192	-0,334	-0,184	-0,119	-0,369
H1APORN	0,518	-0,226	0,031	-0,219	-0,218	0,043	0,211	0,403	0,378	-0,069
H1AHORR	0,427	-0,360	-0,062	0,172	-0,079	0,214	-0,238	-0,158	0,398	0,158
H1OFCIE	0,203	-0,514	-0,112	0,139	0,186	0,528	0,283	0,019	-0,151	0,002
H1OCOLE	0,008	-0,200	0,038	-0,140	0,429	-0,497	0,300	-0,090	0,179	-0,168
H1OART	0,687	0,270	0,040	-0,112	-0,287	-0,088	0,152	-0,094	0,012	-0,022
H1OCSCM	0,273	0,353	0,505	-0,287	0,143	0,110	-0,130	0,204	-0,101	0,068
H1ORECU	0,512	-0,172	-0,322	0,100	0,171	-0,088	-0,080	0,037	0,186	0,021
H1ORELG	0,603	0,070	0,026	-0,158	-0,071	-0,066	-0,104	0,062	-0,191	0,351
H1OJOGO	0,222	-0,349	0,347	0,371	0,104	-0,190	-0,247	0,145	-0,065	0,435
H1CVIAG	0,087	0,647	-0,045	0,238	0,292	-0,091	-0,332	0,000	0,161	-0,010
H1CCTRI	0,013	0,343	0,356	0,344	0,209	-0,042	0,113	0,138	0,359	-0,279
H1CJARD	0,347	0,432	0,008	0,583	0,060	-0,003	0,063	-0,032	-0,110	0,147
H1CNEGO	0,456	0,217	0,257	0,037	0,214	0,390	0,139	-0,153	0,073	-0,188
H1CVICIO	0,720	0,281	0,005	-0,034	-0,381	-0,032	0,103	-0,099	0,028	-0,146
H1NFANT	0,451	0,141	-0,411	0,346	-0,290	0,012	0,110	-0,060	-0,205	-0,049
H1NHIHIST	0,053	0,343	0,199	-0,355	0,276	0,361	0,253	-0,169	0,077	0,376
H1NCIENC	0,288	-0,023	0,045	0,303	0,199	0,140	-0,021	0,579	-0,236	-0,210
H1NLIVRE	0,566	-0,014	0,085	-0,105	0,109	-0,483	0,027	-0,210	-0,218	-0,111
H1GGUER	0,567	-0,235	-0,186	0,050	0,029	-0,051	0,272	0,175	0,173	-0,001
H1GTEAT	0,454	-0,551	0,052	-0,015	0,275	0,030	-0,106	-0,162	-0,284	-0,142
H1GHUMO	0,214	-0,189	0,593	0,104	-0,061	-0,181	0,427	0,014	-0,187	0,102
H1GMIST	0,272	-0,447	0,387	0,124	-0,108	-0,040	-0,271	-0,256	0,309	0,065

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 8 – H1APA (Professor-Aluno), H1ASAC (Sacrifício), H1AGOV (Governo), H1APOL (Polícia), H1APORN (Pornografia), H1AHORR (Horror), H1OFCIE (Ficção-Científica), H1OCOLE (Coleção), H1OART (Arte), H1OCSCM (Casa e Comida), H1ORECU (Recuperação), H1ORELG (Religião), H1OJOGO (Jogo), H1CVIAG (Viagem), H1CCTRI (Costurar e Tricotar), H1CJARD (Jardinagem), H1CNEGO (Negócios), H1CVICIO (Vício), H1NFANT (Fantasia), H1NHIHIST (História), H1NCIENC (Ciência), H1NLIVRE (Livro de Receitas), H1GGUER (Guerra), H1GTEAT (Teatro), H1GHUMO (Humor), H1GMIST (Mistério).

Ao efetuarmos a análise fatorial referente às histórias atuais, o software SPSS gerou 10 fatores que poderiam correlacionar-se com as histórias.

Entretanto, conforme podemos observar, as histórias correlacionaram-se apenas com 8 fatores. É importante ressaltarmos que algumas histórias como Governo, Polícia, Ficção-Científica, Coleção, Costurar e Tricotar, Fantasia e História se correlacionaram com mais de um fator.

Também ao efetuarmos a análise fatorial confirmatória referente às histórias ideais (Tabela 9), identificamos resultados diferentes do agrupamento proposto por Sternberg (1996, 1998).

Tabela 9 – Análise fatorial das histórias de amor ideais.

Histórias	Fatores								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
H2APA	0,654	-0,051	-0,343	-0,070	0,307	0,059	0,072	0,010	-0,181
H2ASAC	0,612	0,309	-0,230	0,259	-0,046	0,075	0,064	-0,056	-0,025
H2AGOV	0,408	-0,064	0,130	-0,357	-0,273	-0,072	0,132	0,427	-0,060
H2APOL	0,448	0,117	0,132	-0,496	0,320	-0,029	-0,199	0,041	-0,253
H2APORN	0,601	-0,195	0,120	-0,118	0,137	0,028	0,503	-0,153	-0,242
H2AHORR	0,539	-0,081	-0,122	-0,121	-0,156	-0,011	0,251	0,133	0,361
H2OFCIE	0,499	-0,135	0,140	0,345	-0,175	-0,043	-0,052	0,410	0,087
H2OCOLE	0,190	-0,236	0,317	-0,402	-0,130	0,432	0,032	0,036	0,248
H2OART	0,503	0,197	0,155	-0,352	-0,022	0,077	0,000	-0,433	0,094
H2OCSCM	0,181	0,367	0,529	0,094	0,277	-0,087	-0,136	0,281	-0,173
H2ORECU	0,579	0,000	-0,431	0,254	0,184	0,096	0,047	0,006	0,050
H2ORELG	0,509	0,219	0,124	0,340	-0,291	-0,111	-0,047	-0,289	0,061
H2OJOGO	0,062	-0,115	0,515	0,231	0,102	0,308	-0,175	-0,154	0,435
H2CVIAG	-0,190	0,682	-0,015	-0,140	0,097	0,400	0,078	0,211	0,057
H2CCTRI	-0,215	0,495	-0,054	-0,030	0,397	0,231	0,087	0,176	0,150
H2CJARD	0,129	0,685	-0,177	-0,028	-0,030	0,128	0,052	0,122	0,252
H2CNEGO	0,150	0,201	0,408	0,047	0,222	-0,353	0,226	-0,133	0,183
H2CVICIO	0,524	0,260	0,177	-0,344	-0,170	-0,124	-0,213	-0,238	-0,087
H2NFANT	0,177	0,457	-0,085	-0,017	-0,484	0,004	-0,148	-0,207	0,009
H2NHIHIST	-0,153	0,368	0,246	-0,048	-0,141	-0,581	0,312	0,195	0,095
H2NCIENC	0,004	0,486	0,015	0,274	0,275	-0,102	0,139	-0,254	-0,085
H2NLIVRE	0,503	0,211	0,103	0,224	-0,172	0,189	-0,388	0,158	-0,331
H2GGUER	0,669	-0,187	-0,175	0,100	-0,019	0,137	0,313	0,031	0,071
H2GTEAT	0,681	-0,121	0,112	0,128	0,079	-0,168	-0,212	0,244	0,119
H2GHUMO	0,060	-0,232	0,604	0,316	0,069	0,311	0,246	-0,075	-0,224
H2GMIST	0,378	-0,289	-0,113	-0,068	0,457	-0,288	-0,381	-0,060	0,324

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 9 – H2APA (Professor-Aluno), H2ASAC (Sacrifício), H2AGOV (Governo), H2APOL (Polícia), H2APORN (Pornografia), H2AHORR (Horror), H2OFCIE (Ficção-Científica), H2OCOLE (Coleção), H2OART (Arte), H2OCSCM (Casa e Comida), H2ORECU (Recuperação), H2ORELG (Religião), H2OJOGO (Jogo), H2CVIAG (Viagem), H2CCTRI (Costurar e Tricotar), H2CJARD (Jardinagem), H2CNEGO (Negócios), H2CVICIO (Vício), H2NFANT (Fantasia), H2NHIHIST (História), H2NCIENC (Ciência), H2NLIVRE (Livro de Receitas), H2GGUER (Guerra), H2GTEAT (Teatro), H2GHUMO (Humor), H2GMIST (Mistério).

Como pode ser identificado, as histórias consideradas ideais pelos participantes da pesquisa agruparam-se da seguinte forma: Fator 1: Professor-Aluno, Sacrifício, Pornografia, Horror, Ficção-Científica, Arte, Recuperação, Religião, Vício, Livro de Receitas, Guerra e Teatro; Fator 2: Viagem, Costurar e Tricotar, Jardinagem e Ciências; Fator 3: Casa e Comida, Jogo, Negócios e Humor; Fator 4: Polícia; Fator 5: Fantasia e Mistério; Fator 6: Coleção e História e Fator 8: Governo.

Para a análise fatorial das histórias ideais, foram gerados 9 fatores de correlação e, novamente 2 fatores não apresentaram nenhuma história correlacionada. Novamente as histórias Governo, Polícia, Ficção-Científica, Coleção e Fantasia apresentaram possibilidade de correlação como mais de um fator, reforçando a influência dos enredos de cada história e da cultura para seu possível agrupamento

É importante destacarmos que algumas histórias atuais e ideais apresentaram um agrupamento bastante semelhante, especialmente as pertencentes ao Fator 1: Professor-Aluno, Sacrifício, Pornografia, Horror, Arte, Recuperação, Religião, Vício, Livro de Receitas e Guerra.

Ao analisarmos a forma pela qual as histórias se distribuíram podemos sugerir novas denominações para os fatores, especialmente em função de aparentemente a intensidade pela qual as “Histórias de Amor” foram aceitas ou rejeitadas pela amostra de nossa pesquisa ter sido decisiva para este agrupamento. O Fator 1 poderia ser nomeado como Histórias Aversivas, o Fator 2 como Histórias Desejáveis, o Fator 3 como Histórias Negociáveis, o Fator 4 como Histórias de Controle, o Fator 5 como Histórias Misteriosas, o

Fator 6 como Histórias de Recordação, Fator 8 como Histórias Regradas, Fator 9 como Histórias Refeitas e Fator 10 como Histórias de Poder. O Fator 9, apesar de ter sido gerado pelo programa, não apresentou nenhuma “História de Amor” correlacionada.

A presença de um maior número de correlações nas histórias que possuem enredos socialmente rejeitados, com componentes de dependência, agressão e medo pode reforçar a idéia de que existem modelos que são rejeitados com maior força e representatividade, especialmente ao serem comparados com modelos mais positivos das relações amorosas e conjugais.

Conclusão

As “Histórias de Amor” propostas por Sternberg possuem enredos que mobilizam, instigam e provocam curiosidade. Será que os relacionamentos amorosos se estabelecem a partir de enredos particulares que possuem força suficiente para manter uma relação amorosa e conjugal, com um bom nível de satisfação conjugal para cada um dos cônjuges?

Esta pesquisa indicou a influência exercida pela cultura, que elege algumas histórias de amor como desejáveis e outras como indesejáveis, tendo força para afetar a satisfação conjuga. As “Histórias de Amor” que apresentavam enredos indesejáveis, aversivos, hostis ou inadequados, como Mistério, Horror, Recuperação e Teatro, foram freqüentemente rejeitadas pelos participantes da pesquisa e apresentaram capacidade de prever negativamente a satisfação conjugal. Em contrapartida, pudemos identificar a força que enredos que retratam o relacionamento amoroso de forma positiva possuem: Viagem, Costurar e Tricotar, Jardinagem e História são “Histórias de Amor” que têm poder para prever positivamente a satisfação conjugal. Seus enredos envolvem a união, colaboração mútua, cuidados constantes com o parceiro e com a relação, importância do passado e concordância de posturas e papéis.

Talvez seja necessário considerarmos neste momento, tanto a influência de papéis sociais adequados quanto da expectativa de que os casais precisam mostrar satisfação em seus relacionamentos. Diferentes estudos apontaram para a importância de uma visão positiva sobre o casamento, ressaltando que esta visão seria fundamental para que os relacionamentos efetivamente se

tornassem satisfatórios para os cônjuges, como numa espécie de profecia auto-realizadora.

Um dos fatores que parece responsável por uma visão positiva do relacionamento seria o da complementaridade de papéis. Para que uma “História de Amor” ocorra, exatamente da maneira que se espera é necessário que o parceiro se adeque ao papel que lhe é atribuído. Em nossa pesquisa, os casais tenderam a se complementarem, a apresentar concordância em termos de quais enredos seriam satisfatórios e, especialmente, para concordar com enredos que seriam desagradáveis, inadequados e insatisfatórios.

Talvez posamos entender essa concordância com os enredos desagradáveis como um sinal de que seja mais fácil identificar aquilo que se apresenta como inadequado ou desagradável, tanto pessoalmente quanto socialmente, do que reconhecer efetivamente aquilo que se gostaria de viver e que, talvez não corresponda efetivamente a realidade vivenciada.

Em nossa pesquisa os casais mostraram-se satisfeitos em suas relações conjugais, e tenderam a descrever seus relacionamentos atuais através algumas “Histórias de Amor” que seriam capazes de favorecer ou comprometer o relacionamento e, conseqüentemente, seu nível de satisfação.

Um fator que talvez fosse importante para novas pesquisas seria a influência do tempo de relação sobre a satisfação ou adequação ao relacionamento. É provável, que alguns enredos efetivamente possuam maior força para predizer a satisfação conjugal, entretanto seria bastante interessante que novas pesquisas fossem conduzidas no sentido de verificar se efetivamente os casais encontram-se satisfeitos nos relacionamentos

amorosos que vivem ou, encontram-se satisfeitos por viverem um relacionamento amoroso. Se realmente vivem uma “História de Amor” ou se consideram que o amor é só uma história.

Referências Bibliográficas

AMÉLIO, A. **O mapa do amor**: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder. São Paulo: Editora Gente, 2001. 309 p.

AMÉLIO, A. e MARTINEZ, M. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Editora Gente, 2005. 163 p.

ARAÚJO, M. F. **Amor, casamento e sexualidade**: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, ano 22, 2: 70-77, 2002.

ARIÉS, P. O amor no casamento. In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. **Sexualidades ocidentais**. Tradução Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 153-162.

BARBACH, L. e GEISINGER, D. L. **Juntos para sempre**: os segredos para uma relação duradoura. Tradução Ruth Rejtmanl. São Paulo: Agora, 1998. 238 p.

BATTEN, M. **Estratégias sexuais**: como as fêmeas escolhem seus parceiros. Tradução Raquel Mendes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995. 302 p.

BECK, A. e FREEMAN, A. **Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade**. Tradução Alceu Edir Fillman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 299 p.

BORGES, M. L. A. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 60 p. (Série filosofia passo a passo, 44).

BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Tradução Sonia Monteiro de Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 169 p.

BUSS, D. **The evolution of human intrasexual competition**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1988. 54, 4, p. 616-628.

_____. Love acts: the evolutionary biology of love. In: STERNBERG, Robert e BARNES, Michael. **The psychology of love**. Birghamton: Yale University Press, 1988. p. 100-118.

_____. **A paixão perigosa**: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. Tradução Myriam Campello. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. 277 p.

DATTILIO, F. M. e PADESKY, C. A. **Terapia cognitiva com casais**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 143 p.

DELA COLETA, M. F. **Causas atribuídas ao sucesso e fracasso no casamento.** PSICO, 22, 2, 1991, 21-39 p.

_____. **Locus de controle e satisfação conjugal.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília. Distrito Federal, 1989.

FERES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>

FIGUEREDO, P. M. V. **A influência do locus de controle conjugal das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento.** Ciências & Cognição: Ano 02, Vol. 06, nov/2005. Disponível em www.cienciasecognicao.org.

FISHER, H. E. **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio.** Tradução Magda Lopes e Maria Carbajal. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.

FLANDRIN, J. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. **Sexualidades ocidentais.** Tradução Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 135-152.

_____. **O sexo e o ocidente: evolução das atitudes e dos comportamentos.** Tradução Jean Progin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. 366 p.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228 p.

GOLDENBERG, M. **A outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado.** 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 144 p.

GOTTMAN, J. e SILVER, N. **Sete princípios para o casamento dar certo.** Tradução Ione Maria de Souza Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. 263p.

_____. **Casamentos: por que alguns dão certo e outros não.** Tradução Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 287 p.

GRAHAM, J., LIU, Y. e JERORSKI, J. **The dyadic Adjustment scale: a reliability generalization meta-analysis.** Journal of Marriage and Family 68. August, 2006. 701-717 p.

HELMS, H. e BUEHLER, C. **Marital quality and personal well-being**: a meta-analysis. *Journal of Marriage and Family* 69, August, 2007. 576-593 p.

HERNANDEZ, J. A. E. **Validação da estrutura da escala triangular do amor**: análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, Canoas/RS, v. 9, p. 15-26, 1999.

HERNANDEZ, J. A. E. e BIASETTO, I. M. **Os componentes do amor e a satisfação**. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 58-69, 2003.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998. 306 p.

JURBERG, M. B. e JURBERG, P. Sexologia comparada e etologia. In: ANDRADE-SILVA, M. C., SERAPIÃO, J. J. e JURBERG, P. **Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1977. p. 67-89.

KRISTEVA, J. **Histórias de Amor**. Tradução Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 423 p.

LAMANNO, V. L. C. **Repetição e transformação na vida conjugal**: a psicoterapia do casal. São Paulo: Summus, 1994. 103 p.

LEE, J. A. Love-styles. In: STERNBERG, R. e BARNES, M. **The psychology of love**. Birghamton: Yale University Press, 1988. p. 38-67.

MALDONADO, M. T. **Casamento**: término e reconstrução. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. 223 p.

MASUDA, Masahiro. **Meta-analyses of love scales**: do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, v. 45, n. 1, 2003. 25-37.

MAYOR, A. S., TEIXEIRA, A. C. S., PEREIRA, C. P. B., BATISTA, E. B., SILVA, I. C. P. P. e TEIXEIRA, S. S. **O amor é uma história**. *Revista Científica da Faculdades Maria Thereza – FAMATh*, Niterói: Faculdades Integradas Maria Thereza, v. 1, n ½, p. 36-38, 2006.

MEEKS, B., HENDRICK, S.S. e HENDRICK, C. **Communication, love and relationship satisfaction**. *Journal of Social and Personal Relationships*. V. 15, n. 06, 1998. 755-773 p.

MILLMAN, M. **As sete histórias de amor**: e como escolher seu final feliz. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 254 p.

MONEY, J. **Love maps**: clinical concepts of sexual/erotic health and pathology, paraphilia, and gender transposition in childhood, adolescence and maturity. New York: Irvington Publishers, 1986.

MOSMANN, C., WAGNER, A. e FERES-CARNEIRO, T. **Qualidade conjugal**: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 2006. p. 315-325.

MUNHOZ, M. L. P. **Casamento**: ruptura ou continuidade dos modelos. São Paulo: Expressão & Arte, 2001. 107 p.

NORGREN, M. B. P., SOUZA, R. M., KASLOW, F., HAMMERSCHMIDT, H. e SHARLIN, S. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração**: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 2004. 575-584 p.

PINSOF, W. M. **The death of "Till death us do part"**: the transformation of pair-bonding in the 20th century. *Family Process*, v. 41, n.2, 135-157, 2002.

PLATÃO. **Diálogos**: Mênon, Banquete, Fedro. Tradução Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. 183 p.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Tradução Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 181 p.

ROCHA, E. **O que é mito**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 97 p. (Série primeiros passos, 151).

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 249 p.

RODRIGUES, A., ASSMAR, E. M. L. e JABLONSKI, B. **Psicologia social**. 18 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 477 p.

ROUGEMONT, D. **A história do amor no ocidente**. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003. 543 p.

RUSBULT, C. E. A. e BUUNK, B. P. **Commitment processes in close relationships**: An independence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 1993. p. 175-204.

SHAVER, P., HAZAN, C. e BRADSHAW, D. Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In: STERNBERG, R. e BARNES, M. **The psychology of love**. Birghamton: Yale University Press, 1988. p. 68-99.

SILVA, A. A., MAYOR, A. S., ALMEIDA, T., RODRIGUES, A. G., OLIVEIRA, L. M. e MARTINEZ, M. **Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor**

que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. Interação em Psicologia, Curitiba/PR, v. 9, n. 2, 2005.

SPANIER, G. B. **Measuring dyadic adjustment:** new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. Journal of Marriage and the Family, 38, 15-28, 1976.

SPANIER, G. B. e COLE, C. L. **Toward clarification and investigation of marital adjustment.** Internatinal Journal Sociology of the family, 6, 1976. 121-146 p.

STERNBERG, R. J. **A triangular theory of love.** Psychological Review 93, 119-135, 1986.

_____. **Liking versus loving:** a comparative evaluation of theories. Psychological bulletin, 1987, Vol. 102, No. 3, 331-345.

_____. Triangulating love. In: STERNBERG, Robert e BARNES, Michael. **The psychology of love.** Birghamton: Yale University Press, 1988. p. 119-138.

_____. **Love stories.** In. Personal Relationships. New York: Cambridge University Press, v. 3, 59-79, 1996.

_____. **Construct validation of a triangular love scale.** European Journal of Social Psychology, v. 27, p. 313-335, 1997.

_____. **Love is a story:** a new theory of relationships. New York: Oxford University Press, 1998. 240 p.

STERNBERG, R. J. e BARNES, M. L. **Real and ideal others in romantic relationships:** is four a crowd? Journal of Personallity and Social Psycology, v.49, n.06, 1985. p.1586-1608.

TRIVERS, R. Parental investment and sexual selection. In: CAMPBELL, Bernard. **Sexual selection and the descent of man 1871-1971.** Chicago: Aldine Publishing, 1972. p. 136-179.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

WACHELKE, J. F. R., ANDRADE, A. L., CRUZ, R. M., FAGGIANI, R. B. e NATIVIDADE, J. C. **Medida da satisfação em relacionamento de casal.** Psico-USF, v.9, n.1, Jan./Jun. 2004. p. 11-18.

WRIGHT, R. **O animal moral:** porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996. 416 p.

YOUNG, J. E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade:** uma abordagem focada nos esquemas. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 88 p.

ANEXOS

Anexo 1 – Inventário do tipo auto-relato das “Histórias de Amor”

I - Dados de Identificação: Código: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Estado Civil: () Casado () Unido Consensualmente

Tempo do relacionamento: _____

Escolaridade: () 1º grau () 2º grau () Superior incompleto () Superior

Número de filhos: _____

Instruções

1. Os dados permanecerão em absoluto sigilo e só serão utilizados para fins acadêmicos.
2. Neste questionário estão relacionadas 26 diferentes histórias de amor. Considere o seu relacionamento amoroso atual ou o último na avaliação de cada uma dessas histórias. Para isso, utilize a escala proposta. Lembre-se que a melhor resposta é aquela que mais representa a sua opinião sobre cada uma delas, e assim não há respostas erradas, nem melhores que as outras. Não pense muito para responder.

-3 Discordo Totalmente

-2 Discordo Moderadamente

-1 Discordo Levemente

0 Não Discordo e Nem Concordo

+1 Concordo Levemente

+2 Concordo Moderadamente

+3 Concordo Totalmente

Desde já, agradecemos pela sua preciosa colaboração!

A) Como eu descrevo meu relacionamento amoroso atual?

A história que melhor descreve o relacionamento que você está vivendo é aquela que mais se aproxima da sua experiência amorosa atual (por exemplo, meu trabalho atual é o de motorista de ônibus).

1. Um relacionamento assimétrico, onde um dos parceiros desempenha o papel de professor, e o outro o de aluno, tendo prazer em aprender com o parceiro. Tenho pensamentos do tipo “tenho muito o que ensinar”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

2. Um relacionamento com forte necessidade de realizar sacrifícios pelo parceiro ou pelo relacionamento. Tenho pensamentos do tipo “o sacrifício é parte fundamental do amor verdadeiro”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

3. Um relacionamento intenso com sentimentos de ansiedade de perder o parceiro e desejo de ficar o mais possível agarrado a ele. Tenho pensamentos do tipo “eu não poderia viver sem ele”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

4. Um relacionamento com forte atração física, com muita importância à aparência do parceiro, que deve sempre parecer bem. Tenho pensamentos do tipo “esse é o parceiro mais bonito que eu poderia encontrar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

5. Um relacionamento com papéis e tarefas muito bem definidos, onde cada parceiro tem o seu lugar. O dinheiro desempenha um papel importante e tem a ver com poder. Tenho pensamentos do tipo “estamos nesse negócio juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

6. Um relacionamento no qual o parceiro se adequa como uma luva ao meu esquema. A tendência e o gosto de ter múltiplos parceiros ao mesmo tempo, cada um deles preenchendo papéis um pouco diferentes uns dos outros. Tenho pensamentos do tipo “essas diferentes pessoas preenchem minhas diferentes necessidades”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

7. Um relacionamento no qual parece haver uma receita de como agir e/ou de que coisas fazer. Quando essa receita é cumprida, a relação vai bem. Caso contrário, pode desandar. Tenho pensamentos do tipo “damos certo porque nós sempre...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

8. Um relacionamento no qual sinto-me como se tivesse encontrado meu príncipe encantado (ou princesa). Tenho pensamentos do tipo “ele (ela) é um sonho tornado realidade”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

9. Um relacionamento no qual o amor é um jogo empolgante, divertido e alegre. Afinal, as coisas nem sempre podem ser levadas muito a sério. Tenho pensamentos do tipo “jogo para curtir”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

10. Um relacionamento que precisa ser bem nutrido, como uma planta. Tenho pensamentos do tipo “eu trato do meu relacionamento com quem cuida de uma flor”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

11. Um relacionamento no qual o poder pode ser exercido por um dos parceiros ou compartilhado. Há um parceiro que controla e outro é controlado. Tenho pensamentos do tipo “nessa relação rola uma coisa de poder e controle”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

12. Um relacionamento no qual os bons e os maus momentos estão vivos na memória. Há muitas lembranças e recordações, tais como fotos, gravações, souvenirs. Tenho pensamentos do tipo “nosso passado tornou-se parte de nós”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

13. Um relacionamento que se torna interessante quando sinto um pouco de medo do meu parceiro, ou vice-versa. Tenho pensamentos do tipo “ele está com receio de mim e gosto que seja assim” ou “estou com receio dele, e sinto gostar disso”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

14. Um relacionamento no qual o centro é o lar e as coisas relacionadas a ele. A ênfase está em ter um ambiente confortável em casa. Tenho pensamentos do tipo “a casa é a coisa principal em nossas vidas” ou “lar, doce lar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

15. Um relacionamento no qual há um senso de humor e o reconhecimento de que a vida tem um lado engraçado. Eventualmente, o humor pode mascarar relações tensas. Há frases e piadinhas do tipo “minha mulher fugiu com meu melhor amigo e estou sentindo falta *dele*”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

16. Um relacionamento no qual há um quê de mistério, uma necessidade constante de saber mais sobre o parceiro, um clima de segredos no ar. Pensamentos do tipo “tenho segredos e gosto que seja assim, isso faz com que ele fique tentando adivinhar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

17. Um relacionamento no qual há necessidade de manter rédeas curtas no parceiro, para ter certeza que ele anda na linha. Há um forte interesse na vida e nas atividades do parceiro. Pensamentos do tipo “quero saber tudo que esse sujeito faz”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

18. Um relacionamento no qual o amor é visto como algo permissivo, no qual um parceiro é degradado ou degrada o outro. A emoção da relação está nessa degradação. Tenho pensamentos do tipo “libertar-se das amarras” ou “entre quatro paredes vale tudo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

19. Um relacionamento no qual há a consciência de ser um sobrevivente, há certeza que depois dos traumas e sofrimentos passados a pessoa pode enfrentar praticamente qualquer situação. Tenho pensamentos do tipo “eu passei pelo pão que o diabo amassou e estou pronto para começar de novo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

20. Um relacionamento no qual o amor é visto como uma religião, com devoção intensa ao parceiro. Tenho pensamentos do tipo “o amor é como se fosse a minha salvação”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

21. Um relacionamento no qual as coisas podem ser compreendidas, analisadas e dissecadas, como qualquer outro fenômeno da natureza. Procurar compreender com objetividade o parceiro e a relação. Tenho pensamentos do tipo “eu sei exatamente como ele vai responder se eu...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

22. Um relacionamento no qual há um sentimento de que o parceiro é como um alienígena — incompreensível e muito estranho. Pensamentos do tipo “esse cara deve ter vindo de outro planeta”, “Caramba! Isso não faz nenhum sentido...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

23. Um relacionamento no qual o amor é aquilo que você quiser fazer com ele, algo que você molda como for melhor, é questão de usar a criatividade. Cada relacionamento é único. Tenho pensamentos do tipo “criamos nossa relação de um jeito muito pessoal e único”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

24. Um relacionamento no qual parece haver um roteiro pré-definido, com atos, cenas e falas previsíveis. Há algo de dramático no ar. Às vezes a pessoa sente como se não estivesse se comportando naturalmente e sim interpretando um papel. Pensamentos do tipo “agora, a próxima fala é...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

25. Um relacionamento no qual há uma sensação de grande jornada conjunta, uma viagem em conjunto. Planeja-se para o amanhã, há um pensamento voltado para o futuro. Tenho pensamentos do tipo “nós estamos sempre crescendo juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

26. Um relacionamento no qual o amor é uma guerra, uma série de batalhas sem fim. O conflito parece ser intenso e mantém-se ao longo do tempo. Tenho pensamentos do tipo “estou pronto pra lutar pelo que acho certo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

Anexo 2 – Escala de Satisfação Marital (Spanier, 1976)

Agora você vai ler ou escutar algumas perguntas sobre o seu relacionamento com seu marido (esposa). Essas mesmas perguntas vão ser feitas para muitos outros casais. Dessa forma podemos saber como outras pessoas lidam com problemas ou questões que são comuns a todos. Favor responder individualmente. Favor notar que ninguém vai ficar sabendo quem respondeu o que, ou seja, será tudo muito confidencial. Deixa-se claro que não há respostas certas ou erradas. Por favor, apenas indicar o que acontece com vocês. A maior parte das pessoas concorda em algumas coisas e discorda em outras. Por favor, indique mais ou menos se há mais acordo ou desacordo entre você e seu (sua) esposo(a) em relação a:

	Concordamos sempre	Concordamos quase sempre	Discordamos Às vezes	Freqüentemente discordamos	Discordamos	Discordamos sempre
1. Lidar com finanças da família						
2. Recreação/ Divertimento						
3. Religião						
4. Demonstração de afeto						
5. Amizades						
6. Sobre o que é certo e errado (comportamentos apropriados ou não)						
7. Filosofia de vida (como levar a vida)						
8. Como lidar com pais ou sogros						
9. Objetivos na vida, coisas que considera importante.						
10. Sobre quanto tempo passam junto						
11. Tomada de decisões importantes						

12. Afazeres domésticos						
13. Atividades de lazer e interesse						
14. Decisões sobre trabalho/ profissão						
15. Relações sexuais						
16. Com que frequência você conversa ou considerou separação, divórcio, ou acabar com seu relacionamento?						

	Sempre	Quase sempre	Geralmente ou muitas vezes	Às vezes	Raramente ou quase nunca	Nunca
17. Com que frequência você ou seu(sua) companheiro(a) deixam a casa após uma briga						
18. Em geral com que frequência você pensa que as coisas entre você e seu(sua) companheiro(a) vão bem?						
19. Você se abre com seu (sua) companheiro(a)?						
20. Você se arrepende em ter casado (ou ter ido morar junto)?						

21. Com que frequência você e seu companheiro brigam?						
22. Com que frequência você e seu(sua) companheiro(a) ficam irritados um com o outro?						

	Todo dia	Quase todo dia	Às vezes	Raramente	Nunca
23. Você beija seu(sua) esposa?					

	Todas	Quase todas	Algumas	Muito pouco delas	Nenhuma
24. Você e seu(sua) esposo(a) fazem atividades fora de casa?					

Com que frequência você diria que os seguintes eventos ocorreram entre você e seu (sua) esposo(a)?

	Nunca	Menos de uma vez por semana	Uma ou duas vezes	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Com mais frequência
25. Tem uma conversa gostosa, uma troca de idéias estimulante.						
26. Dão risadas juntos						
27. Calmamente conversam sobre algo						
28. Trabalham juntos em algum projeto						

Há algumas coisas sobre as quais casais às vezes concordam e às vezes discordam. Indique se os itens abaixo causaram diferenças de opinião ou problemas no seu relacionamento nas últimas semanas. (marque sim ou não)

Sim	Não	
29.		Estar muito cansado(a) para fazer sexo
30.		Falta de demonstração de amor/carinho

31. Os pontos na linha abaixo representam diferentes graus de felicidade na sua relação. O ponto do meio "feliz" representa o grau de felicidade da maioria das relações. Por favor, faça um círculo ao redor do ponto que melhor representa o grau de felicidade, considerando tudo do seu relacionamento.

*	*	*	*	*	*	*
Extremamente infeliz	Mais ou menos infeliz	Um pouco infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Perfeita

32. Qual das afirmações abaixo melhor define como você se sente em relação ao futuro de seu relacionamento?

	Eu quero desesperadamente que meu relacionamento de certo, e eu faria qualquer coisa para ver isto acontecer.
	Eu quero muito que meu relacionamento de certo e farei tudo que eu posso para isto.
	Eu quero muito que meu relacionamento de certo, e eu farei a minha parte para que isto aconteça.
	Seria bom se meu relacionamento desse certo, mas eu não posso fazer muito mais do que já estou fazendo para ajudar a dar certo.
	Seria bom se desse certo, mas eu me recuso a fazer mais do que já estou fazendo para manter esse relacionamento.
	Não tem jeito de meu relacionamento dar certo, e não há mais nada que eu possa fazer para manter este relacionamento.

Anexo 3 – Estudo Piloto

I - Dados de Identificação:

Código: _____

Idade: _____

Sexo : Masculino () Feminino ()

Estado Civil : Solteiro () Casado () Separado () Viúvo ()

Unido Consensualmente () Tempo do relacionamento: _____

Instruções

3. Os dados permanecerão em absoluto sigilo e só serão utilizados para fins acadêmicos.
4. Neste questionário estão relacionadas 24 diferentes histórias de amor. Considere o seu relacionamento amoroso atual ou o último e avalie o quanto cada uma dessas histórias se aproxima da sua vivência. Para isso, utilize a escala proposta. Lembre-se que a melhor resposta é aquela que mais representa a sua opinião sobre cada uma delas, e assim não há respostas erradas, nem melhores que as outras.

-3 Discordo Totalmente

-2 Discordo Moderadamente

-1 Discordo Levemente

0 Não Discordo e Nem Concordo

+1 Concordo Levemente

+2 Concordo Moderadamente

+3 Concordo Totalmente

Desde já, agradecemos pela sua preciosa colaboração!

Como é/foi seu relacionamento amoroso?

1. Um relacionamento intenso com sentimentos de ansiedade de perder o parceiro e desejo de ficar o mais possível agarrado a ele. Tenho pensamentos do tipo “eu não poderia viver sem ele”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

2. Um relacionamento com forte atração física, com muita importância à aparência do parceiro, que deve sempre parecer bem. Tenho pensamentos do tipo “esse é o parceiro mais bonito que eu poderia encontrar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

3. Um relacionamento com papéis e tarefas muito bem definidos, onde cada parceiro tem o seu lugar. O dinheiro desempenha um papel importante e tem a ver com poder. Tenho pensamentos do tipo “estamos nesse negócio juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

4. Um relacionamento no qual o parceiro se adequa como uma luva ao meu esquema. A tendência é o gosto de ter múltiplos parceiros ao mesmo tempo, cada um deles preenchendo papéis um pouco diferentes uns dos outros. Tenho pensamentos do tipo “essas diferentes pessoas preenchem minhas diferentes necessidades”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

5. Um relacionamento no qual parece haver uma receita de como agir e/ou de que coisas fazer. Quando essa receita é cumprida, a relação vai bem. Caso contrário, pode desandar. Tenho pensamentos do tipo “damos certo porque nós sempre...”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

6. Um relacionamento no qual sinto-me como se tivesse encontrado meu príncipe encantado (ou princesa). Tenho pensamentos do tipo “ele (ela) é um sonho tornado realidade”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

7. Um relacionamento no qual o amor é um jogo empolgante, divertido e alegre. Afinal, as coisas nem sempre podem ser levadas muito a sério. Tenho pensamentos do tipo “jogo para curtir”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

8. Um relacionamento que precisa ser bem nutrido, como uma planta. Tenho pensamentos do tipo “eu trato do meu relacionamento com quem cuida de uma flor”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

9. Um relacionamento no qual o poder pode ser exercido por um dos parceiros ou compartilhado. Há um parceiro que controla e outro é controlado. Tenho pensamentos do tipo “nessa relação rola uma coisa de poder e controle”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

10. Um relacionamento no qual os bons e os maus momentos estão vivos na memória. Há muitas lembranças e recordações, tais como fotos, gravações, souvenirs. Tenho pensamentos do tipo “nosso passado tornou-se parte de nós”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

11. Um relacionamento que se torna interessante quando sinto um pouco de medo do meu parceiro, ou vice-versa. Tenho pensamentos do tipo “ele está com receio de mim e gosto que seja assim” ou “estou com receio dele, e sinto gostar disso”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

12. Um relacionamento no qual o centro é o lar e as coisas relacionadas a ele. A ênfase está em ter um ambiente confortável em casa. Tenho pensamentos do tipo “a casa é a coisa principal em nossas vidas” ou “lar, doce lar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

13. Um relacionamento no qual há um senso de humor e o reconhecimento de que a vida tem um lado engraçado. Eventualmente, o humor pode mascarar relações tensas. Há frases e piadinhas do tipo “minha mulher fugiu com meu melhor amigo e estou sentindo falta *dele*”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

14. Um relacionamento no qual há um quê de mistério, uma necessidade constante de saber mais sobre o parceiro, um clima de segredos no ar. Pensamentos do tipo “tenho segredos e gosto que seja assim, isso faz com que ele fique tentando adivinhar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

15. Um relacionamento no qual há necessidade de manter rédeas curtas no parceiro, para ter certeza que ele anda na linha. Há um forte interesse na vida e nas atividades do parceiro. Pensamentos do tipo “quero saber tudo que esse sujeito faz”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

16. Um relacionamento no qual o amor é visto como algo permissivo, no qual um parceiro é degradado ou degrada o outro. A emoção da relação está nessa degradação. Tenho pensamentos do tipo “libertar-se das amarras” ou “entre quatro paredes vale tudo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

17. Um relacionamento no qual há a consciência de ser um sobrevivente, há certeza que depois dos traumas e sofrimentos passados a pessoa pode enfrentar praticamente qualquer situação. Tenho pensamentos do tipo “eu passei pelo pão que o diabo amassou e estou pronto para começar de novo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

18. Um relacionamento no qual o amor é visto como uma religião, com devoção intensa ao parceiro. Tenho pensamentos do tipo “o amor é como se fosse a minha salvação”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

19. Um relacionamento no qual as coisas podem ser compreendidas, analisadas e dissecadas, como qualquer outro fenômeno da natureza. Procurar compreender com objetividade o parceiro e a relação. Tenho pensamentos do tipo “eu sei exatamente como ele vai responder se eu...”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

20. Um relacionamento no qual há um sentimento de que o parceiro é como um alienígena — incompreensível e muito estranho. Pensamentos do tipo “esse cara deve ter vindo de outro planeta”, “Caramba! Isso não faz nenhum sentido...”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

21. Um relacionamento no qual o amor é aquilo que você quiser fazer com ele, algo que você molda como for melhor, é questão de usar a criatividade. Cada relacionamento é único. Tenho pensamentos do tipo “criamos nossa relação de um jeito muito pessoal e único”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

22. Um relacionamento no qual parece haver um roteiro pré-definido, com atos, cenas e falas previsíveis. Há algo de dramático no ar. Às vezes a pessoa sente como se não estivesse se comportando naturalmente e sim interpretando um papel. Pensamentos do tipo “agora, a próxima fala é...”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

23. Um relacionamento no qual há uma sensação de grande jornada conjunta, uma viagem em conjunto. Planeja-se para o amanhã, há um pensamento voltado para o futuro. Tenho pensamentos do tipo “nós estamos sempre crescendo juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

24. Um relacionamento no qual o amor é uma guerra, uma série de batalhas sem fim. O conflito parece ser intenso e mantém-se ao longo do tempo. Tenho pensamentos do tipo “estou pronto pra lutar pelo que acho certo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

Considere novamente as histórias que você já leu e responda as três questões abaixo. A melhor resposta é simplesmente aquela que representa sua opinião sobre cada uma das histórias apresentadas.

Dentre as histórias lidas, cite o número de uma, e apenas uma:

a) História com a qual você mais se identifica _____

b) História que você mais gostaria de viver _____

c) História com a qual você menos se identifica _____

Anexo 4 – Instrumento definitivo da pesquisa

Dados de Identificação:

Código: _____

1 - Idade: _____

2 - Sexo: () Masculino () Feminino

3 - Estado Civil: () Casado () Unido Consensualmente

4 - Tempo do relacionamento: _____

5 - Escolaridade: () 1º grau () 2º grau () Superior incompleto () Superior

6 - Número de filhos: _____

Instruções

- Os dados permanecerão em absoluto sigilo e só serão utilizados para fins acadêmicos.
- Neste questionário estão relacionadas 26 diferentes histórias de amor. Considere o seu relacionamento amoroso atual ou o último na avaliação de cada uma dessas histórias. Para isso, utilize a escala proposta. Lembre-se que a melhor resposta é aquela que mais representa a sua opinião sobre cada uma delas, e assim não há respostas erradas, nem melhores que as outras. Não pense muito para responder.

-3 Discordo Totalmente

-2 Discordo Moderadamente

-1 Discordo Levemente

0 Não Discordo e Nem Concordo

+1 Concordo Levemente

+2 Concordo Moderadamente

+3 Concordo Totalmente

Desde já, agradecemos pela sua preciosa colaboração!

HISTÓRIA QUE MELHOR DESCREVE O RELACIONAMENTO AMOROSO ATUAL

Como eu descrevo meu relacionamento amoroso atual?

A história que melhor descreve o relacionamento que você está vivendo é aquela que MAIS SE APROXIMA DA SUA EXPERIÊNCIA AMOROSA ATUAL (por exemplo, meu trabalho atual é o de motorista de ônibus).

7. Um relacionamento assimétrico, onde um dos parceiros desempenha o papel de professor, e o outro o de aluno, tendo prazer em aprender com o parceiro. Tenho pensamentos do tipo “tenho muito o que ensinar”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

8. Um relacionamento com forte necessidade de realizar sacrifícios pelo parceiro ou pelo relacionamento. Tenho pensamentos do tipo “o sacrifício é parte fundamental do amor verdadeiro”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

9. Um relacionamento intenso com sentimentos de ansiedade de perder o parceiro e desejo de ficar o mais possível agarrado a ele. Tenho pensamentos do tipo “eu não poderia viver sem ele”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

10. Um relacionamento com forte atração física, com muita importância à aparência do parceiro, que deve sempre parecer bem. Tenho pensamentos do tipo “esse é o parceiro mais bonito que eu poderia encontrar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

11. Um relacionamento com papéis e tarefas muito bem definidos, onde cada parceiro tem o seu lugar. O dinheiro desempenha um papel importante e tem a ver com poder. Tenho pensamentos do tipo “estamos nesse negócio juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

12. Um relacionamento no qual o parceiro se adequa como uma luva ao meu esquema. A tendência e o gosto de ter múltiplos parceiros ao mesmo tempo, cada um deles preenchendo papéis um pouco diferentes uns dos outros. Tenho pensamentos do tipo “essas diferentes pessoas preenchem minhas diferentes necessidades”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

13. Um relacionamento no qual parece haver uma receita de como agir e/ou de que coisas fazer. Quando essa receita é cumprida, a relação vai bem. Caso contrário, pode desandar. Tenho pensamentos do tipo “damos certo porque nós sempre...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

14. Um relacionamento no qual sinto-me como se tivesse encontrado meu príncipe encantado (ou princesa). Tenho pensamentos do tipo “ele (ela) é um sonho tornado realidade”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

15. Um relacionamento no qual o amor é um jogo empolgante, divertido e alegre. Afinal, as coisas nem sempre podem ser levadas muito a sério. Tenho pensamentos do tipo “jogo para curtir”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

16. Um relacionamento que precisa ser bem nutrido, como uma planta. Tenho pensamentos do tipo “eu trato do meu relacionamento com quem cuida de uma flor”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

17. Um relacionamento no qual o poder pode ser exercido por um dos parceiros ou compartilhado. Há um parceiro que controla e outro é controlado. Tenho pensamentos do tipo “nessa relação rola uma coisa de poder e controle”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

18. Um relacionamento no qual os bons e os maus momentos estão vivos na memória. Há muitas lembranças e recordações, tais como fotos, gravações, souvenirs. Tenho pensamentos do tipo “nosso passado tornou-se parte de nós”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

19. Um relacionamento que se torna interessante quando sinto um pouco de medo do meu parceiro, ou vice-versa. Tenho pensamentos do tipo “ele está com receio de mim e gosto que seja assim” ou “estou com receio dele, e sinto gostar disso”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

20. Um relacionamento no qual o centro é o lar e as coisas relacionadas a ele. A ênfase está em ter um ambiente confortável em casa. Tenho pensamentos do tipo “a casa é a coisa principal em nossas vidas” ou “lar, doce lar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

21. Um relacionamento no qual há um senso de humor e o reconhecimento de que a vida tem um lado engraçado. Eventualmente, o humor pode mascarar relações tensas. Há frases e piadinhas do tipo “minha mulher fugiu com meu melhor amigo e estou sentindo falta *dele*”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

22. Um relacionamento no qual há um quê de mistério, uma necessidade constante de saber mais sobre o parceiro, um clima de segredos no ar. Pensamentos do tipo “tenho segredos e gosto que seja assim, isso faz com que ele fique tentando adivinhar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

23. Um relacionamento no qual há necessidade de manter rédeas curtas no parceiro, para ter certeza que ele anda na linha. Há um forte interesse na vida e nas atividades do parceiro. Pensamentos do tipo “quero saber tudo que esse sujeito faz”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

24. Um relacionamento no qual o amor é visto como algo permissivo, no qual um parceiro é degradado ou degrada o outro. A emoção da relação está nessa degradação. Tenho pensamentos do tipo “libertar-se das amarras” ou “entre quatro paredes vale tudo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

25. Um relacionamento no qual há a consciência de ser um sobrevivente, há certeza que depois dos traumas e sofrimentos passados a pessoa pode enfrentar praticamente qualquer situação. Tenho pensamentos do tipo “eu passei pelo pão que o diabo amassou e estou pronto para começar de novo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

26. Um relacionamento no qual o amor é visto como uma religião, com devoção intensa ao parceiro. Tenho pensamentos do tipo “o amor é como se fosse a minha salvação”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

27. Um relacionamento no qual as coisas podem ser compreendidas, analisadas e dissecadas, como qualquer outro fenômeno da natureza. Procurar compreender com objetividade o parceiro e a relação. Tenho pensamentos do tipo “eu sei exatamente como ele vai responder se eu...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

28. Um relacionamento no qual há um sentimento de que o parceiro é como um alienígena — incompreensível e muito estranho. Pensamentos do tipo “esse cara deve ter vindo de outro planeta”, “Caramba! Isso não faz nenhum sentido...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

29. Um relacionamento no qual o amor é aquilo que você quiser fazer com ele, algo que você molda como for melhor, é questão de usar a criatividade. Cada relacionamento é único. Tenho pensamentos do tipo “criamos nossa relação de um jeito muito pessoal e único”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

30. Um relacionamento no qual parece haver um roteiro pré-definido, com atos, cenas e falas previsíveis. Há algo de dramático no ar. Às vezes a pessoa sente como se não estivesse se comportando naturalmente e sim interpretando um papel. Pensamentos do tipo “agora, a próxima fala é...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

31. Um relacionamento no qual há uma sensação de grande jornada conjunta, uma viagem em conjunto. Planeja-se para o amanhã, há um pensamento voltado para o futuro. Tenho pensamentos do tipo “nós estamos sempre crescendo juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

32. Um relacionamento no qual o amor é uma guerra, uma série de batalhas sem fim. O conflito parece ser intenso e mantém-se ao longo do tempo. Tenho pensamentos do tipo “estou pronto pra lutar pelo que acho certo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

HISTÓRIA QUE MAIS ME IDENTIFICO

33. Com base nas histórias apresentadas, indique aquela que descreve a história com que você mais se identifica. Lembre-se: a história que melhor descreve o relacionamento com o qual eu mais me identifico é aquela que eu acredito ser mais parecida com a forma COMO SOU nesta área, embora esta talvez não seja aquela que estou vivendo atualmente e, talvez, nem aquela que gostaria de viver (por exemplo, acho que tenho vocação para piloto de avião embora trabalhe como executivo e gostaria de ser um cientista).

HISTÓRIA QUE MAIS GOSTARIA DE VIVER

Como eu descrevo a história que eu mais gostaria de viver?

A história que melhor descreve o relacionamento que eu mais gostaria de viver é aquela que eu MAIS GOSTO, e ACREDITO SER A MELHOR HISTÓRIA PARA VIVER (por exemplo, gostaria realmente de ser piloto de lancha embora esta não seja a minha profissão atual nem aquela para a qual tenho mais habilidade).

34. Um relacionamento assimétrico, onde um dos parceiros desempenha o papel de professor, e o outro o de aluno, tendo prazer em aprender com o parceiro. Tenho pensamentos do tipo “tenho muito o que ensinar”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

35. Um relacionamento com forte necessidade de realizar sacrifícios pelo parceiro ou pelo relacionamento. Tenho pensamentos do tipo “o sacrifício é parte fundamental do amor verdadeiro”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

36. Um relacionamento intenso com sentimentos de ansiedade de perder o parceiro e desejo de ficar o mais possível agarrado a ele. Tenho pensamentos do tipo “eu não poderia viver sem ele”

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

37. Um relacionamento com forte atração física, com muita importância à aparência do parceiro, que deve sempre parecer bem. Tenho pensamentos do tipo “esse é o parceiro mais bonito que eu poderia encontrar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

38. Um relacionamento com papéis e tarefas muito bem definidos, onde cada parceiro tem o seu lugar. O dinheiro desempenha um papel importante e tem a ver com poder. Tenho pensamentos do tipo “estamos nesse negócio juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

39. Um relacionamento no qual o parceiro se adequa como uma luva ao meu esquema. A tendência e o gosto de ter múltiplos parceiros ao mesmo tempo, cada um deles preenchendo papéis um pouco diferentes uns dos outros. Tenho pensamentos do tipo “essas diferentes pessoas preenchem minhas diferentes necessidades”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

40. Um relacionamento no qual parece haver uma receita de como agir e/ou de que coisas fazer. Quando essa receita é cumprida, a relação vai bem. Caso contrário, pode desandar. Tenho pensamentos do tipo “damos certo porque nós sempre...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

41. Um relacionamento no qual sinto-me como se tivesse encontrado meu príncipe encantado (ou princesa). Tenho pensamentos do tipo “ele (ela) é um sonho tornado realidade”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

42. Um relacionamento no qual o amor é um jogo empolgante, divertido e alegre. Afinal, as coisas nem sempre podem ser levadas muito a sério. Tenho pensamentos do tipo “jogo para curtir”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

43. Um relacionamento que precisa ser bem nutrido, como uma planta. Tenho pensamentos do tipo “eu trato do meu relacionamento com quem cuida de uma flor”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

44. Um relacionamento no qual o poder pode ser exercido por um dos parceiros ou compartilhado. Há um parceiro que controla e outro é controlado. Tenho pensamentos do tipo “nessa relação rola uma coisa de poder e controle”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

45. Um relacionamento no qual os bons e os maus momentos estão vivos na memória. Há muitas lembranças e recordações, tais como fotos, gravações, souvenirs. Tenho pensamentos do tipo “nosso passado tornou-se parte de nós”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

46. Um relacionamento que se torna interessante quando sinto um pouco de medo do meu parceiro, ou vice-versa. Tenho pensamentos do tipo “ele está com receio de mim e gosto que seja assim” ou “estou com receio dele, e sinto gostar disso”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

47. Um relacionamento no qual o centro é o lar e as coisas relacionadas a ele. A ênfase está em ter um ambiente confortável em casa. Tenho pensamentos do tipo “a casa é a coisa principal em nossas vidas” ou “lar, doce lar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

48. Um relacionamento no qual há um senso de humor e o reconhecimento de que a vida tem um lado engraçado. Eventualmente, o humor pode mascarar relações tensas. Há frases e piadinhas do tipo “minha mulher fugiu com meu melhor amigo e estou sentindo falta *dele*”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

49. Um relacionamento no qual há um quê de mistério, uma necessidade constante de saber mais sobre o parceiro, um clima de segredos no ar. Pensamentos do tipo “tenho segredos e gosto que seja assim, isso faz com que ele fique tentando adivinhar”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

50. Um relacionamento no qual há necessidade de manter rédeas curtas no parceiro, para ter certeza que ele anda na linha. Há um forte interesse na vida e nas atividades do parceiro. Pensamentos do tipo “quero saber tudo que esse sujeito faz”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

51. Um relacionamento no qual o amor é visto como algo permissivo, no qual um parceiro é degradado ou degrada o outro. A emoção da relação está nessa degradação. Tenho pensamentos do tipo “libertar-se das amarras” ou “entre quatro paredes vale tudo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

52. Um relacionamento no qual há a consciência de ser um sobrevivente, há certeza que depois dos traumas e sofrimentos passados a pessoa pode enfrentar praticamente qualquer situação. Tenho pensamentos do tipo “eu passei pelo pão que o diabo amassou e estou pronto para começar de novo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

53. Um relacionamento no qual o amor é visto como uma religião, com devoção intensa ao parceiro. Tenho pensamentos do tipo “o amor é como se fosse a minha salvação”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

54. Um relacionamento no qual as coisas podem ser compreendidas, analisadas e dissecadas, como qualquer outro fenômeno da natureza. Procurar compreender com objetividade o parceiro e a relação. Tenho pensamentos do tipo “eu sei exatamente como ele vai responder se eu...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

55. Um relacionamento no qual há um sentimento de que o parceiro é como um alienígena — incompreensível e muito estranho. Pensamentos do tipo “esse cara deve ter vindo de outro planeta”, “Caramba! Isso não faz nenhum sentido...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

56. Um relacionamento no qual o amor é aquilo que você quiser fazer com ele, algo que você molda como for melhor, é questão de usar a criatividade. Cada relacionamento é único. Tenho pensamentos do tipo “criamos nossa relação de um jeito muito pessoal e único”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

57. Um relacionamento no qual parece haver um roteiro pré-definido, com atos, cenas e falas previsíveis. Há algo de dramático no ar. Às vezes a pessoa sente como se não estivesse se comportando naturalmente e sim interpretando um papel. Pensamentos do tipo “agora, a próxima fala é...”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

58. Um relacionamento no qual há uma sensação de grande jornada conjunta, uma viagem em conjunto. Planeja-se para o amanhã, há um pensamento voltado para o futuro. Tenho pensamentos do tipo “nós estamos sempre crescendo juntos”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

59. Um relacionamento no qual o amor é uma guerra, uma série de batalhas sem fim. O conflito parece ser intenso e mantém-se ao longo do tempo. Tenho pensamentos do tipo “estou pronto pra lutar pelo que acho certo”.

- 3 -2 -1 0 +1 +2 +3

HISTÓRIA QUE MENOS SE IDENTIFICA

60. Com base nas histórias apresentadas, indique aquela história com que você menos se identifica. Lembre-se, a história que eu menos me identifico é aquela **MENOS PARECIDA** com a minha forma de ser (por exemplo, não tenho nenhuma vocação para ser motorista particular). _____

COMO PERCEBO O MEU RELACIONAMENTO ATUAL

Agora você vai ler ou escutar algumas perguntas sobre o seu relacionamento com seu marido (esposa). Essas mesmas perguntas vão ser feitas para muitos outros casais. Dessa forma podemos saber como outras pessoas lidam com problemas ou questões que são comuns a todos. Favor responder individualmente. Favor notar que ninguém vai ficar sabendo quem respondeu o que, ou seja, será tudo muito confidencial. Deixa-se claro que não há respostas certas ou erradas. Por favor, apenas indicar o que acontece com vocês. A maior parte das pessoas concorda em algumas coisas e discorda em outras. Por favor, indique mais ou menos se há mais acordo ou desacordo entre você e seu (sua) esposo (a) em relação a:

	Concordamos sempre	Concordamos quase sempre	Discordamos às vezes	Freqüentemente discordamos	Discordamos	Discordamos sempre
1. Lidar com finanças da família						
2. Recreação/ Divertimento						
3. Religião						
4. Demonstração de afeto						
5. Amizades						
6. Sobre o que é certo e errado (comportamentos apropriados ou não)						
7. Filosofia de vida (como levar a vida)						
8. Como lidar com pais ou sogros						
9. Objetivos na vida, coisas que considera importante.						
10. Sobre quanto tempo passam juntos						
11. Tomada de decisões importantes						

12. Afazeres domésticos						
13. Atividades de lazer e interesse						
14. Decisões sobre trabalho/ profissão						
15. Relações sexuais						

	Sempre	Quase sempre	Geralmente ou muitas vezes	Às vezes	Raramente ou quase nunca	Nunca
16. Com que frequência você conversa ou considerou separação, divórcio, ou acabar com seu relacionamento?						
17. Com que frequência você ou seu (sua) companheiro(a) deixam a casa após uma briga						
18. Em geral com que frequência você pensa que as coisas entre você e seu (sua) companheiro(a) vão bem?						
19. Você se abre com seu (sua) companheiro(a)?						
20. Você se arrepende em ter casado (ou ter ido morar junto)?						

21. Com que frequência você e seu companheiro brigam?						
22. Com que frequência você e seu (sua) companheiro(a) ficam irritados um com o outro?						

	Todo dia	Quase todo dia	Às vezes	Raramente	Nunca
23. Você beija seu (sua) esposa?					

	Todas	Quase todas	Algumas	Muito pouco delas	Nenhuma
24. Você e seu (sua) esposo(a) fazem atividades fora de casa?					

Com que frequência você diria que os seguintes eventos ocorreram entre você e seu (sua) esposo(a)?

	Nunca	Menos de uma vez por semana	Uma ou duas vezes	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Com mais frequência
25. Tem uma conversa gostosa, uma troca de idéias estimulante.						
26. Dão risadas juntos						

27. Calmamente conversam sobre algo						
28. Trabalham juntos em algum projeto						

Há algumas coisas sobre as quais casais às vezes concordam e às vezes discordam. Indique se os itens abaixo causaram diferenças de opinião ou problemas no seu relacionamento nas últimas semanas. (marque sim ou não)

Sim	Não	
29.		Estar muito cansado(a) para fazer sexo
30.		Falta de demonstração de amor/carinho

31. Os pontos na linha abaixo representam diferentes graus de felicidade na sua relação. O ponto do meio "feliz" representa o grau de felicidade da maioria das relações. Por favor, faça um círculo ao redor do ponto que melhor representa o grau de felicidade, considerando tudo do seu relacionamento.

*	*	*	*	*	*	*
Extremamente infeliz	Mais ou menos infeliz	Um pouco infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Perfeita

32. Qual das afirmações abaixo melhor define como você se sente em relação ao futuro de seu relacionamento?

	Eu quero desesperadamente que meu relacionamento de certo, e eu faria qualquer coisa para ver isto acontecer.
	Eu quero muito que meu relacionamento de certo e farei tudo que eu posso para isto.
	Eu quero muito que meu relacionamento de certo, e eu farei a minha parte para que isto aconteça.
	Seria bom se meu relacionamento desse certo, mas eu não posso fazer muito mais do que já estou fazendo para ajudar a dar certo.
	Seria bom se desse certo, mas eu me recuso a fazer mais do que já estou fazendo para manter esse relacionamento.
	Não tem jeito de meu relacionamento dar certo, e não há mais nada que eu possa fazer para manter este relacionamento.

Anexo 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade de São Paulo/USP

Faculdade de Psicologia

Doutorado em Psicologia Experimental

Pesquisador responsável: Andréa Soutto Mayor – Psicóloga CRP 05/16586
Tel. 21-2611-1679 ou 21-9134-4387

1 – Tema da pesquisa: Histórias de amor e satisfação conjugal.

2 – Objetivo: Analisar as histórias de amor vivenciadas pelos casais e sua relação com o nível de satisfação conjugal.

3 – Benefícios esperados:

- Contribuir para a academia com pesquisa de enfoque científico em relacionamento amoroso.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ (abaixo assinado), aceito participar voluntariamente da pesquisa “**O amor é uma história**”, oferecendo ao pesquisador inscrito no doutorado em Psicologia Experimental da USP informações pertinentes ao tema proposto, seja por meio de questionário, formulário, entrevista ou outro instrumento de coleta de dados previstos na metodologia, desde que minha identidade seja mantida no anonimato, assim como a de outras pessoas por mim referidas no meu relato. Acrescento ainda que me é facultativo interromper minha participação a qualquer momento e sem contestação da equipe (ou responsáveis) do referido projeto, assim como poderei, depois do processo de coleta de dados e antes da divulgação dos resultados, ter acesso aos detalhes técnicos da pesquisa, tais como objetivos, metodologia e principais conclusões.

Declaro que após ter sido informado, esclarecido e, entendido o objetivo da pesquisa, concordo em participar do estudo.

Rio de Janeiro, RJ, ____ de _____ de 2006.

Sujeito – Participante